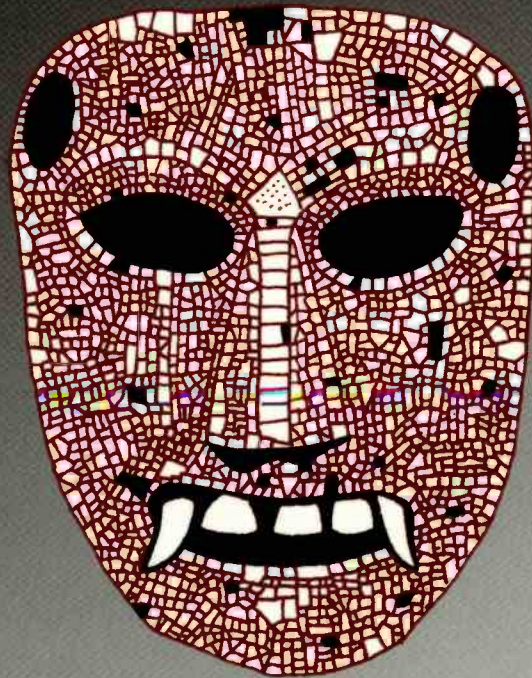


Carlos Felipe Moisés

HISTÓRIAS MUTILADAS



nankin
editorial



Copyright © 2010, Carlos Felipe Moisés

Coordenação editorial: Valentim Facioli

Capa e projeto gráfico: Antônio do Amaral Rocha

Ilustrações: *Mythological and fantastic creatures*, New York, Dover Publications, 2002 (royalty-free designs).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M724h

Moisés, Carlos Felipe, 1942-

Histórias mutiladas : contos / Carlos Felipe Moisés. – São Paulo : Nankin, 2010.
104p.

“Prêmio Governo do Estado de Minas Gerais de Literatura 2008 –

Categoria : Ficção”

ISBN 978-85-7751-053-5

1. Conto brasileiro. I. Título.

10-1423.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

01.04.10

08.04.10

018349

Eneida Maria de Souza, Camila Diniz e Luiz Ruffato formaram o corpo de jurados que atribuiu a *Histórias mutiladas* (contos), de Carlos Felipe Moisés, o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2008, categoria “Ficção”.

NANKIN EDITORIAL

Rua Tabatinguera, 140, 8º andar,

conj. 803 – Centro – São Paulo

CEP 01020-000

Tel. (0**11) 3106-7567, 3105-0261

Fax (0**11) 3104-7033

www.nankin.com.br

E-mail: nankin@nankin.com.br

2010

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Carlos Felipe Moisés



*Ao
Soares Feitosa,
companheiro
de*

*jornada,
com o abraço
amigo de sempre*

*do
Carlos Felipe Moisés
SP 30/6/10*

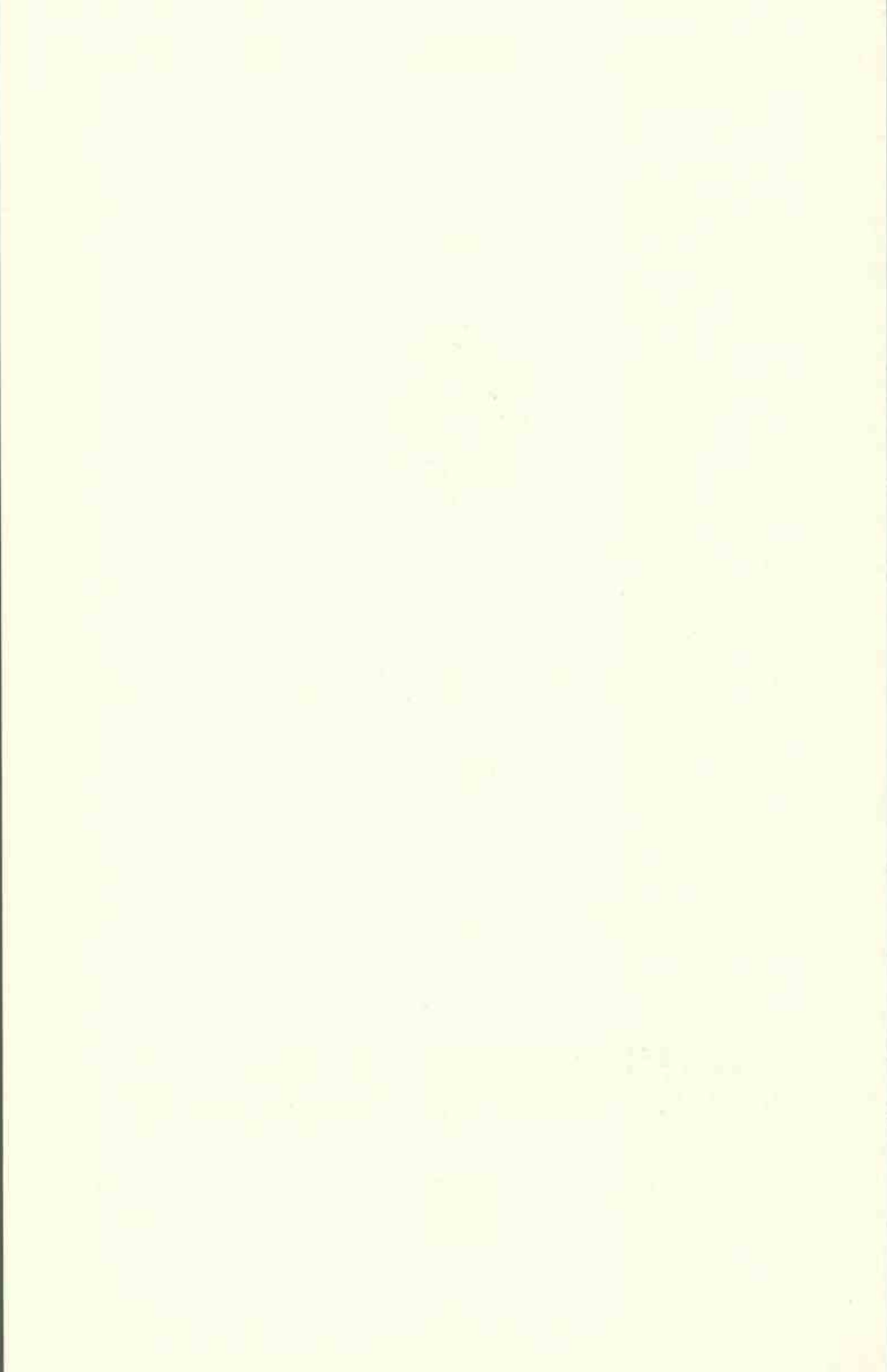
Histórias mutiladas

contos

Prêmio Governo do Estado de Minas Gerais de Literatura 2008 –
Categoria “Ficção”



nankin
editorial



Sumário

Longa espera	7
Água régia	11
Damião, Juliana & os outros	15
Aquário	19
Papoulas estilhaçadas	23
Quatro estações	31
Leadbelly, El Morocho & Íbis	35
O livro	41
O espelho	47
'Round midnight	51
Jack Dempsey	59
O menino de sua mãe	63

Pequena casa de subúrbio	77
Histórias mutiladas	87
SOBRE O AUTOR	99
OUTRAS OBRAS DO AUTOR	101

Longa espera



De início eram pequenas lagartixas, dezenas delas, criteriosamente acomodadas em seus cubículos de vidro, ao longo da mesa e nos aparadores. Acomodadas e classificadas, de acordo com origem e coloração, hábitos e peculiaridades morfológicas, capacidade reprodutora e sensibilidade a estímulos luminosos, térmicos e acústicos – afora uma interminável lista de outros atributos, em princípio secundários.

À medida que o projeto avançava, as anotações iam lotando caixas e caixas no arquivo de aço. Em alguns casos, chegaram a cobrir mais de duas dezenas de gerações do mesmo réptil.

A investigação tinha propósitos distintos, embora interligados. Primeiro, aperfeiçoar a espécie, demonstrar a possibilidade de criar, em laboratório, uma raça menos vulnerável, mais

forte. Segundo, estudar o suposto mistério da reconstituição, sobretudo para lhe avaliar os limites. Como, em que circunstâncias e em quanto tempo os lacertílios são capazes de reconstituir partes e membros amputados, perdidos ou simplesmente atrofiados?

Em ambos os casos, o móvel era a curiosidade. Nada de inquietações filosóficas, menos ainda religiosas. Não havia sequer o atrativo pecuniário. Quem se interessaria em comercializar os direitos sobre os incertos resultados do experimento? Era o simples e soberano exercício do espírito científico. E uma boa forma de ocupar o tempo, intoleravelmente monótono, não fosse a arraigada paixão pelas lagartixas e seu (suposto?) mistério.

Meses e meses de sacrifício inútil, de parte a parte. Espécimes degenerados, transformados em aberrações ou simplesmente enfraquecidos e até destruídos. Noites de insônia, expectativa frustrada, amor próprio ferido. Mas a paciência e a perseverança, aliadas ao estrito rigor metodológico, frutificaram. O exemplar MX/06-19, isto é, o décimo nono rebento, sexta geração, família MX, era 30% maior que seus antepassados e comprovadamente mais robusto, além de mais astuto e ambicioso: na época do cio, cobriu mais fêmeas que seus doze irmãos somados.

Embora farta, a ninhada foi um malogro: todos degenerados. Mas, alguns implantes e enxertos, duas ou três cirurgias delicadíssimas, e foi possível salvar um único exemplar, o MX/07-38, todavia menor e menos forte que o pai. Daí por diante, uma longa espera. Coroada de êxito.

Enquanto outras linhagens seguiam conduzindo a resultados nada animadores, finalmente ali estava: MX/11-21. Pou-

cas semanas depois de nascer, já era cerca de cinco vezes mais avantajado que seus predecessores.

Com menos de três meses, desenvolveu-se a tal ponto que foi preciso transferi-lo para uma nova cuba de vidro, bem maior, mandada confeccionar às pressas. Daí por diante, o progresso da família MX foi notório.

Os antigos cubículos cederam lugar a pequenas jaulas e o laboratório espalhou-se pela residência, passando a ocupar quase todos os seus dezesseis aposentos. O júbilo da vitória compensava o árduo esforço, que em verdade não exigia nada de especial, apenas a rotineira tarefa, atenta aos mínimos detalhes, de acompanhamento e manutenção. Mas houve um momento em que a exaustão foi mais forte. Uma espécie de sono, desses a que não é possível resistir, prostrou-o na cama, antes que ele tomasse as derradeiras providências estipuladas para esse dia.

Acordou de madrugada, leve torpor, e reconheceu MX/22-14, calmo e silencioso, 80cm de comprimento, 19kg, engolindo-lhe o antebraço esquerdo, as mandíbulas já cravadas a dez ou doze centímetros do cotovelo.

Enquanto decepava o próprio membro, com cuidado para não ferir o magnífico exemplar, a dor foi suportável. Difícil foi manejar os vários instrumentos, incluindo a serra em arco, só com a direita.

Fez o que lhe cabia fazer.

Suturou a ferida, limpou a cama e o chão, reconduziu MX/22-14 à sua jaula e só então injetou-se, ali mesmo, pouco acima do coto latejante, uma boa dose de sedativo.

Fraco, mais extenuado que nunca, tornou a dormir.

Quando voltou a acordar, o pouco que restara do antebraço amputado ainda latejava e ardia.

Ergueu o toco, à frente do nariz, e viu-se diante do espelho. Mas logo percebeu o equívoco. No lugar do braço amputado (o

longo pescoço confundindo-se com a articulação do cotovelo) brotara inteira uma cabeçorra que reproduzia fielmente a sua própria: a testa alta, o nariz aquilino, o olhar criterioso.

Aproximou-se. A língua bífida que emergiu de entre aqueles lábios familiares quase lhe tocou o rosto.

Lá fora, os outros membros da família MX rompiam as grades das jaulas e começavam a galgar os muros laterais.

Água régia



No caminho, Beto chutou umas pedras vadias, mãos nos bolsos, sem entender. Lúcio era seu melhor amigo e ele sabia que a recíproca era verdadeira. Sempre juntos, na escola, na rua, dividiam afinidades e a liderança sobre o resto da turma. Difícil compreender por que o amigo se fora sem dizer palavra.

– A família toda se mudou, anteontem.

– O Lúcio também?

– Foi o que eu disse. A família toda. Foram de mudança. Veio um caminhão e levou o pai, a mãe, a filharada, eles todos.

Sentiu-se traído. E imediatamente traidor: agora ia liderar sozinho. Quase quebrou o dedão ao chutar o meio-fio.

Quando chegou à casa do Professor, como fazia todas as quintas-feiras, os demais já o aguardavam: Tonho, Guta, Laís,

Míngo, Leninha. Os encontros eram o prolongamento natural das aulas no colégio. Reunidos, sem compromissos rígidos, sem obrigações que não pudessem adiar, não faziam mais que conversar e “brincar de ciências aplicadas”, dizia o Professor, “que é a melhor maneira de aprender”.

Naquele dia, entretidos, ouviram o mestre falar de suas experiências, por mais de uma hora. Uma delas tratava das sementes que morrem para dar fruto; outra mencionava um líquido de nome “Água régia”; outra, ainda, ensinava que o mundo é um animal vivo, todas as partes ligadas como num organismo qualquer. “O que nós vemos das coisas ainda não são as coisas, mas só o que podemos ver.”

Beto não prestou muita atenção. Ficou o tempo todo de olhos grudados nas coxas de Leninha. De relance, num rápido cruzar de pernas, a calcinha transparente. O triângulo escuro, com efeito, embora antes suposto que realmente contemplado, era mais atraente que as lições e o sotaque arrastado do Professor.

Exultou quando todos passaram ao aposento contíguo.

Como sempre, a mesa repleta de doces, balas, manjares, pudins, tortas inigualáveis. A um canto, a pilha de jogos engenhosíssimos, renovados a cada semana, projetados e construídos pelo Professor. Beto dividia com Lúcio a condição de mais astuto e habilidoso. Todos competiam acirradamente, até o fim da tarde, simulando com estudada displicência que tudo não passava de brincadeira inconsequente.

– Assim, meus meninos, assim mesmo!

Ao franzir os olhinhos acesos, acentuavam-se as rugas nos cantos das pálpebras do Professor, em contraste com a pele lisa e esticada que lhe cobria a testa e as maçãs do rosto. A disputa começava.

Beto pensou em Lúcio.

Mordiscou desatento um naco de torta florentina. Não se rebaixou a competir com adversários nitidamente inferiores.

Concentrou-se em Leninha. Mas foi inútil. Mal conseguiu beijar-lhe furtivamente os cabelos e, por um instante, quase pôde sentir, entre as mãos, os peitinhos arrogantes, que palpitavam sob a blusa fina. A ansiedade que o precedeu, e a lembrança logo em seguida acalentada, foram infinitamente mais doces que o contato fugaz.

O suficiente, porém, para que nos dias seguintes ele se masturbasse todo fim de tarde, olhos cerrados, a atenção mergulhada na promessa escura e morna que Leninha escondia no alto do vão entre as coxas.

Faltou à escola todos esses dias.

Na quinta-feira, chegou mais cedo e teve tempo de explicar o seu problema ao Professor, sem rodeios:

– Professor, sem o Lúcio não tem graça. O senhor precisa inventar um jogo mais difícil, só para mim.

– Sem dúvida, meu filho, já está quase pronto, lá na sala dos fundos. Tenha só um pouco de paciência.

Os outros chegaram em seguida e a tarde teria sido uma repetição enfadonha, não fosse a preleção inicial, nesse dia especialmente interessante. Foi sobre as experiências de uma cientista estrangeira, nome difícil de pronunciar. Beto anotou: Héléne Konczewska. “Ela conseguiu provar”, explicou o Professor, “que a inteligência dos defuntos não progride absolutamente nada depois da morte”.

Os olhinhos do mestre faiscavam mais do que nunca. E, para Beto, havia um atrativo extra, a expectativa de rever Leninha. Mas nesse dia ela não apareceu.

Depois a mesa de guloseimas e os jogos desinteressantes.

A reunião terminou.

Quando todos se foram, ele afastou-se do grupo, duas quadras adiante, e aguardou que a noite chegasse, para retornar à casa do Professor.

Entrou pela porta lateral e só encontrou silêncio e penumbra. A lhe guiar os passos, a fraca luz que vinha da sala da frente. Tomou a direção oposta, atravessou o longo corredor, abriu a porta da sala dos fundos e acionou o interruptor.

Numa das extremidades da ampla mesa, o cadinho, com as três saliências da cúpula, a vigia e a boca da fornalha. O pequeno balão de cristal com seu líquido vermelho. Cubas, retortas, aparadores e instrumentos vários. Na outra extremidade, estendido sobre o balcão, o corpo nu e esbranquiçado de Leninha, os peitinhos inúteis apontando para o teto.

Aproximou-se e pôde contemplar o triângulo escuro, na verdade só uma leve penugem, no alto do vão entre as coxas, antes roliças. No lugar dos olhos, dois buracos negros.

Deu uns passos em direção ao fundo da sala e reparou nos armários de vários tamanhos, as portas de vidro alinhadas ao longo da parede.

Num deles, em pé, ao lado da janela, o corpo de Lúcio, já quase acinzentado.

O coração quase parou, silêncio de abismo, quando ele reconheceu a voz arrastada que lhe chegou aos ouvidos, como um sussurro, acompanhada do rangido da porta que se fechou atrás de si.

Damião, Juliana & os outros



Todos em volta da mesa. A luz do sol entra em ângulo pela janela e chega até a porta da frente. O canto oposto da sala repousa em penumbra. Indeciso, no patamar – um passo fora, outro dentro –, ele sabe que todos o vêem, mas não distingue nenhum semblante. Damião vai ao seu encontro e o arrasta para uma cadeira vazia. Vazia como o diálogo que desponta em seguida, protelado há seis, sete, dez anos. “Ainda bem que você veio. Papai está nas últimas.”

Aos poucos, vai-se habituando à meia-luz e já pode ler, nítidos, os sinais em cada rosto. Terá envelhecido também? Terão notado? Mas as frases se cruzam no ar, solidão plena de vozes e rumores discretos. Discretos como o primeiro arrote, quase imperceptível. O recém-chegado repara que uma poeira

sutil, filtrada pela cortina de renda, às vezes desce por um raio de sol e vem-se depositar nas suas mãos abandonadas ao longo do corpo, ou sobre a mesa.

O segundo arroteo veio mais forte.

O enjoo sobe, incontrolável, a boca se abre em contorção aflita e o ar escapa, com um mínimo de ruído. Indescrevível sensação de alívio. “Será assim tão espesso o abismo entre nós?” No rasto do segundo arroteo, duas ou três borboletas voam irrequietas. Seria a cócega estranha que sentiu pouco antes, a lhe picar a garganta?

Damião relembra a morte da mãe. “Sofreu muito, a pobre. Por que você não veio?” Juliana esgueira-se cozinha adentro, atrás do café e do bolo de fubá. De costas, lembra Isaura. Por um momento, o passado ressurgiu inteiro, ali mesmo, ao alcance das mãos. Mas é só um momento. Logo em seguida, a colherinha de prata derrama o açúcar e tece círculos vazios no líquido negro e fumegante.

Primeiro gole, primeiro naco de bolo. O enjoo vem outra vez, ainda mais forte. Impossível abafar o ruído e o grito de dor. Agora não são borboletas, mas uma rã cinzenta, que força a passagem e vai-se depositar entre as xícaras e os talheres, sobre a toalha bordada.

A garganta arde, uma gota escorre pelo queixo e pode ser sangue. Mas a sensação de alívio é ainda mais intensa que da vez anterior.

– Fubá dá azia, menino! Eu sempre lhe disse... Ah, meu garoto guloso! Mas também não precisa ficar assim... A mãe morreu há tanto tempo, tanta água correu...

Juliana, solícita, estende o guardanapo. Ele limpa o queixo e assoa discretamente o nariz. Em seguida, ela recolhe a travessa, deixa a mesa imaculada como antes. “E papai?”

Calixto olha-o com indiferença, velho disfarce. A mãe lhe dizia, na frente de todos: “Cuidado com o Lixto! É o pai escrito! Caladão, arredio. Mas quando menos se espera a violência desaba, qual tempestade. Cuidado com ele!” Sempre desejou atirar o irmão no poço do quintal. Isaura é que não permitiu. E foi testemunha do remorso que o atormentou a vida toda.

Enquanto conversam, o estômago começa a inchar e a arder. Um pouco de tosse, também, logo transformada em acesso. Ele não consegue manter o equilíbrio e rola no chão, arrastando consigo a toalha bordada por Juliana. A dor é insuportável mas não impede que observe o corre-corre à sua volta – Damião aflito, todos gritando frases sem sentido.

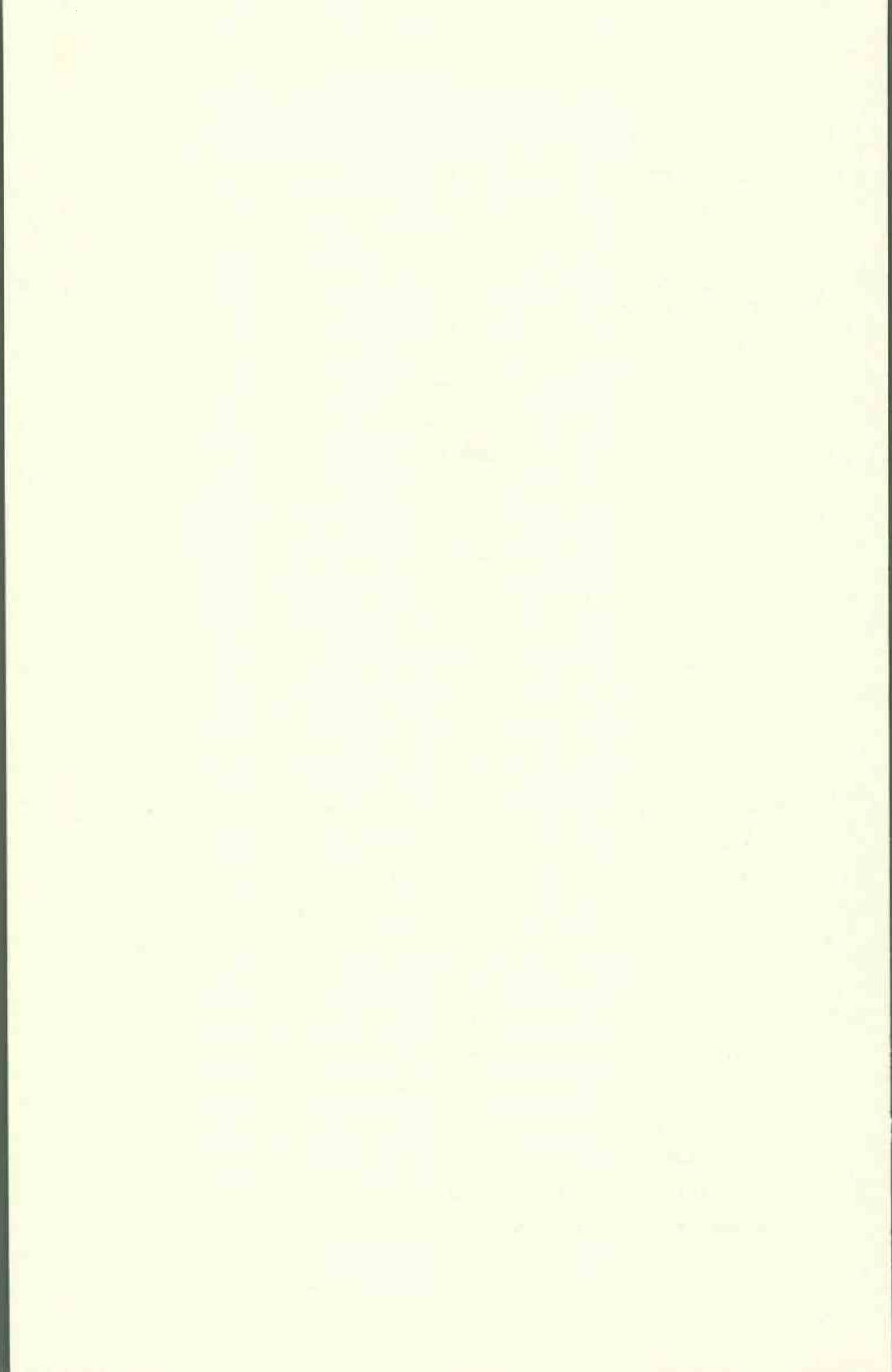
Num arrepelão, a coisa chega à garganta e ele pensa que vai estourar. O volume espesso, que já atinge os lábios, mal o deixa respirar pelas narinas comprimidas.

Antes que os olhos se fechem, a poeira filtrada pelo sol rebrilha outra vez. Não pode gritar, sequer falar. O coração pede clemência. Ergue-se com esforço, afasta os semblantes que não deixam de fitá-lo e expete, de uma vez só, a massa enorme que lhe entope a garganta e a boca, e já vai deixando de pesar no estômago.

Os ruídos cessam, os lábios devem estar sangrando, mas a dor não o incomoda, sequer a sente. Como não sente mais nada, dentro ou fora, embora veja tudo iluminado, de uma luz espantosamente clara.

Começa a distinguir os vultos, todos ali perfilados e silentes: Juliana, Isaura, a mãe, Damião, Calixto. Estátuas que sorriem, apaziguadas. Aos poucos se refaz da convulsão. Nos olhos, o olhar impenetrável do pai.

Aproxima-se do leito e toma nos braços o corpo frágil de um menino. Embala-o no colo, sem lágrimas, e os dois começam a dormir, profundamente.



Aquário



“Essa festa vai ser especial”, alguém lhe dissera, “você vai conhecer muita gente interessante”. Fosse por isso, fosse por outra razão, o pensamento de Isabel não conseguia concentrar-se em nada, em meio ao burburinho da sala repleta. Enquanto procurava, tocou inadvertidamente o rosto um pouco acima do seu: anguloso e grave, sorriso brando, ausente, copo estendido na ponta dos dedos. Um estranho. Agradeceu, como quem considera definitivamente encerrado o episódio. Ele continuou a observá-la, atento. Lisonjeada, Isabel cruzou as pernas, com estudada languidez. Fera-lhe ainda os ouvidos o vozerio distante.

Expectativa incômoda, nenhum anteparo. As pessoas flutuam ao lado de si mesmas, como se tudo estivesse fora de foco.

A festa? Um aquário de sorrisos e meneios elegantes. Ela, “Isabel!”, do lado de dentro ou de fora? Tremor imperceptível toda vez que seu nome é pronunciado em público. “Vocês se conhecem?” Qualquer frase seria inútil para esconder o receio de que todos os seus segredos fossem impiedosamente desvendados.

Isabel fixou a atenção no quadro, na parede ao lado do sofá. “Digamos que seja uma paisagem... Veja como as cores se alternam.” O estranho do rosto anguloso segurou-lhe a mão. O calor insinuante a reteve, com um afago, e ela começou a dizer qualquer coisa, para fingir que não estava ali. “Se você preferir que eu adivinhe, posso tentar.” Ela se lembrou de algo que deveria ter dito antes, mas já era tarde. Sentiu-se bem assim. “O melhor de cada um se revela na adversidade. Está bem que você desespere diante do que pode ser evitado, mas o inevitável pede que você vá além de si mesma. É quando você se revela mais forte do que imaginava.” As mãos entre as mãos exercem a tarefa de estar ali, aconchegadas, mas o coração pulsa, inquieto.

O aquário já não existe mais. Salas e salas quase vazias. Agrada a Isabel caminhar a esmo, o braço do estranho pousado em seu ombro, a conversa infundável. “Mesmo porque você não acreditaria...” As palavras escorrem macias, confortantes. O sentido? Só o que importa é o calor da mão. E o sorriso brando do homem a seu lado, seu olhar altivo, como um poente sem esperanças, nenhum movimento além do imprescindível.

“Minhas mãos, todos os gestos que elas possam realizar, minha atenção incessante, o esforço aplicado com que acompanho os seus mínimos pensamentos, tudo isso, tudo... É só você querer, ou reconhecer que quer. Por que você foge, não de mim, mas de você mesma?”

Isabel viu-se de repente num quarto imaculadamente branco e vazio, sem janelas, sem móveis, paredes nuas, somente a porta por onde entrara. Virou-se e a porta já não estava mais ali. Pensou em atirar-se ao chão, teve medo do desespero, do abismo. O inevitável? No mesmo instante, controlou-se, a aflição desapareceu. Voltou os olhos para a parede oposta e aproximou-se, confiante. O pequeno ponto cresceu, até tornar-se um orifício, olho mágico. Colou o rosto à parede e pôde observar.

Uma longa mesa ocupava quase todo o aposento contíguo. Numa extremidade, homens minúsculos entravam por um tubo serpentinado, ora largo, ora estreito, que percorria a superfície do móvel. No meio do percurso transformavam-se em lagartos, logo expelidos pelo bocal, para cair numa espécie de guilhotina que os picava em pedaços, depois automaticamente embalados em celofane. A operação seguia, ininterrupta, os homenzinhos sorriam e cantavam, alguns dançavam, antes de iniciar a trajetória rumo ao estágio final.

Foi quando ela percebeu que um dos lagartos, graças a alguma falha mecânica, ainda conservava a cabeça do homenzinho. A guilhotina agiu rápido, esquartejou-o, mas Isabel pôde ver, num átimo, a cabeça intacta, sorrindo abandonada, antes de ser partida ao meio.

Seu grito abalou a casa toda.

A dor, o horror, a náusea. Acima de tudo, a surpresa. Correu sem saber para onde, até cair extenuada. Ouviu uma voz "Isabel!" que lhe falava da infância. O pequeno cão e o gato, as longas tardes consumidas entre as almofadas. O calor das mãos que irradiam ternura, "Se eu dissesse, você acreditaria?", a ternura infinita que exalta...

O vozerio primeiro tornou-se murmúrio distante, depois cessou por completo. Em volta, a lentidão, o abandono e a plenitude que vinham de dentro do coração enternecido. Ruí-

do nenhum, apenas umas sombras dançando ao vento, que entrava pela janela, madrugada, e acariciava as flores no vaso.

Ela começou a erguer-se e parou a meio. Por que perturbar o mundo em repouso? Em seguida, os crisântemos foram depositar-se, um a um, sobre os seios, o colo, os cabelos e os lábios de Isabel, que sorria apaziguada.

Papoulas estilhaçadas



Março 13

Não sei *já disse*. Não posso me exaltar. Eles são tão amáveis... Repetem as mesmas perguntas, a respeito de pessoas e acontecimentos que ignoro *já disse que não sei!*, e nunca se irritam nem fazem ameaças. Querem minha colaboração, dizem, contam comigo. Se ao menos eu soubesse para quê... Não sei! Já expliquei tantas vezes que não me lembro de nada... Eles não parecem acreditar, mas não se aborrecem com isso ou não o demonstram. Revezam-se, vão e vêm, a intervalos que julgo regulares. Solícitos, atentos a todas as minhas vontades *por que vocês não tentam me ajudar?* Já disse tudo o que sei.

De início, a atmosfera era cordial, todos me tratavam bem. Pareciam cautelosos, mas sinceros *sim, eu também não tenho*

nada a esconder. Por que teria? As conversas seguiam os atalhos mais variados, assuntos amenos, todos do meu mais vivo interesse, nada que sugerisse *isto é um interrogatório? Mas afinal o que vocês querem de mim?*

Lembrar, não me lembrava de nada, mas *vocês vão me dizer por que vim parar aqui?* Devo admitir que tudo em volta é muito confortável, pequeno, mas confortável: o quarto, uma sala ampla, o banheiro. Eles trazem tudo o que peço, incluindo discos, livros, o tabuleiro e as peças de xadrez. *Você não joga? Nenhum de vocês joga?*

Bebida, comida? Morri de rir quando pedi um Chianti Ruffino, Riserva Ducale, safra 1961, e eles trouxeram de outra safra (68, 78, sei lá!), com desculpas por não ser exatamente o que eu pedira. Achei desnecessário explicar que não fazia a menor diferença, que eu estava só brincando, uma espécie de jogo. Afinal, não chego a ser o tipo refinado que eles parecem imaginar. Qualquer chianti servia, qualquer safra, qualquer reserva, mesmo que não fosse ducale. Na verdade, qualquer vinho, por que não? Até sem vinho eu poderia passar. Poderia...

Março 18

Não é a primeira situação embaraçosa em que me envolvo. Muitas vezes me surpreendi *onde é que estou?*, e sempre uma explicação plausível acabou vindo em meu socorro. Lembro-me do dia em que acordei com uma dor de cabeça monumental, me arrastei pelo chão, levei um tempo enorme para chegar ao banheiro e botar a cabeça debaixo da água fria. Ao me olhar no espelho sim, sou eu mesmo, mas esta não é a minha casa, nada disso é meu! Voltei para o quarto, abri a janela.

Na cama de onde eu acabara de sair, o sol iluminou os cabelos louros de uma mulher que eu nunca tinha visto antes. Esperei ela acordar, enquanto observava. Detive-me em cada objeto, as roupas espalhadas pelo chão. Nada me era familiar. Reparei que estava nu. Tentei as roupas. As calças ficaram folgadas, mas a camisa e a malha serviram bem. Sou, no geral, um pouco distraído, mas essas roupas definitivamente não são minhas, nem esta casa, nem essa mulher.

– Oi, você já acordou?

Pois ela não vê? Ou minha expressão idiota a faz pensar que ainda estou dormindo? Não digo nada. Ela continua a bocejar e me estende os braços. Ergue o dorso, deixa cair o lençol, mostrando os atrevidos seios dourados, e me dá um abraço quente e macio. O perfume! Meu Deus, o perfume dessa mulher! Papoulas estilhaçadas... A partir do perfume, o mosaico foi-se recompondo.

Primeiro ela não acreditou *já disse que não sei*, se você não contar vou morrer sem saber. A coisa tinha começado na véspera, em minha casa. Eu, Marcos e Lúcia disso me lembro, e já fomos os três enchendo a cara uma coisa que presta. Depois saímos – ela cantarolou: “De noite eu rondo a cidade, a te procurar...” –, dispostos a percorrer todos os bares do mundo. Fomos parar na casa do Marcos.

“Te encontraram debaixo do chuveiro, de roupa e tudo então estas são as roupas do Marcos? depois te trouxeram para cá e você ficou. É, é isso. Sou amiga da Lúcia. Meu nome é Vera. É, cara, a gente veio pro meu apartamento. Agora você não esquece mais, né?”

O perfume...

Sândalo e açafraão, essências raras, ervas exóticas.

A lembrança daquele perfume vinha de longe, me impregnava as narinas e a alma. O resto veio vindo aos poucos. Mas,

se não fosse ela, eu não saberia *como vim parar aqui?* O mosaico se recompôs. Mesmo assim, pode ser tudo brincadeira. Eu teria acreditado em qualquer coisa que ela inventasse. Não foi a minha necessidade de explicação que me levou a acreditar? Ainda poderia conferir com Marcos e Lúcia, mas isso não provaria nada. Os três podiam estar tramados. Por que fariam isso? Porque as pessoas fazem seja o que for umas às outras?

Mas não fui conferir *vem cá!* Aquele aconchego, a tepidez do sol da manhã Vera!, o perfume. Isso precisa de explicação. Precisa?

Março 29

Outras vezes não foi possível *como cheguei até aqui?* É, vai ver é isso. A gente pensa um pouco, desconfia de tudo. Como é que se chega, não até aqui, mas a qualquer lugar? Como? Bobagem. As explicações sempre aparecem. Se você estiver muito afoito, pode inventar qualquer uma, no ato. Depois é só repetir algumas vezes, e acaba por se convencer. Vai jurar que não é só uma explicação, mas a única *a verdade?* a inteira verdade. Se não, não explique nada. Deixe o tempo passar, as peças se reúnem, como num passe de mágica. Tudo se encaixa, lógica impecável.

Explicar não é ligar tudo, como num crochê, causa-efeito-causa-efeito, razões e fins? E onde é que isso tudo está, senão na tua cabeça, agora ou mais tarde? Ou nunca. Se você não encontrar a explicação, isso não quer dizer que ela não exista. Ou você não foi capaz *que é que eu posso fazer?* ou está querendo demais. Já disse que não sei!

Abril 8

Já tinha aprendido que é preciso paciência, não convém se precipitar. Absurdo, sem sentido? Nada disso! Calma! Ouça com atenção o que eles dizem. Às vezes certas perguntas já trazem a resposta embutida, pelo menos a que eles querem ouvir. É só prestar atenção. Não se afobe, repense tudo. Sempre há ângulos, facetas, meandros que você ainda não tinha percorrido. Adie a resposta, ganhe tempo, a explicação aparece. Por que tem que ser já? Por que tem que ser tudo de uma vez?

Afinal, o que vocês querem de mim?

Agosto 2

Releio o que venho escrevendo *é, é um diário!* e só posso deplorar tamanha ingenuidade. Eles me mantêm isolado porque têm medo de mim. O que sei pode comprometê-los, e a muita gente graúda. Doutor Severo, toda a diretoria, o pessoal do Ministério... Mas eles não perdem por esperar!

Confiar na boa vontade desses caras foi um erro. Mas agora chega! Sei como me cuidar. Acho até perigoso continuar escrevendo. Eles podem estar à espera de que eu deixe escapar alguma coisa, exatamente por aqui.

Mas eu me cuido, escondo o caderno num saco plástico, na caixa de descarga, acima da privada.

Merda!

Agosto 27

Deu certo, me deixaram em paz. Levaram meu relógio, mas ainda consigo calcular o tempo, ah! Aquela luzinha que bate lá em cima, através do vitrô... Eles não me enganam!

Mais de uma semana que eles não aparecem. O único ruído que ouço – fora os meus passos, as batidas do coração – é o toque-toque na portinhola, três vezes por dia, quando eles trazem as refeições. Ih, ih! Breakfast, lunch & dinner! Ninguém diz nada. É... Qualquer descuido... Eles pensam que me enganam? Never more!

Mesmo que eles mandem tapar o vitrô, ou mesmo quando o inverno chegar e o sol desaparecer, ainda poderei controlar o tempo. Quantas vezes a portinhola se abriu? Hã? Três? Ah-ah: um dia! Seis? Dois dias... Viu só? Mesmo que eles tentem variar, darei um jeito. Não vai ser fácil me enganar, não. Tenho tudo, tudo sob controle.

Acho que eles desistiram. Mas preciso tomar cuidado com a comida. E se eles estiverem a fim de me envenenar? O soro da verdade... O que eles não sabem é que a verdade está comigo, aqui, aqui, ó, bem na minha cabeça! Só eu é que sei. Por isso eles têm medo de mim. Agora, eu é que não posso desistir.

Outubro ?

Danou-se! O cara entrou aqui outro dia, bem na hora da portinhola se abrir. Mal tive tempo de enfiar o caderno debaixo do colchão. Mas acho que ele não desconfiou. E veio com aquela conversa idiota, do ministro em pessoa interessado no meu caso... Então eu não sei? Só está! Nem liguei, fingi que jogava xadrez. Perguntei se ele estava familiarizado com a saída P4D,

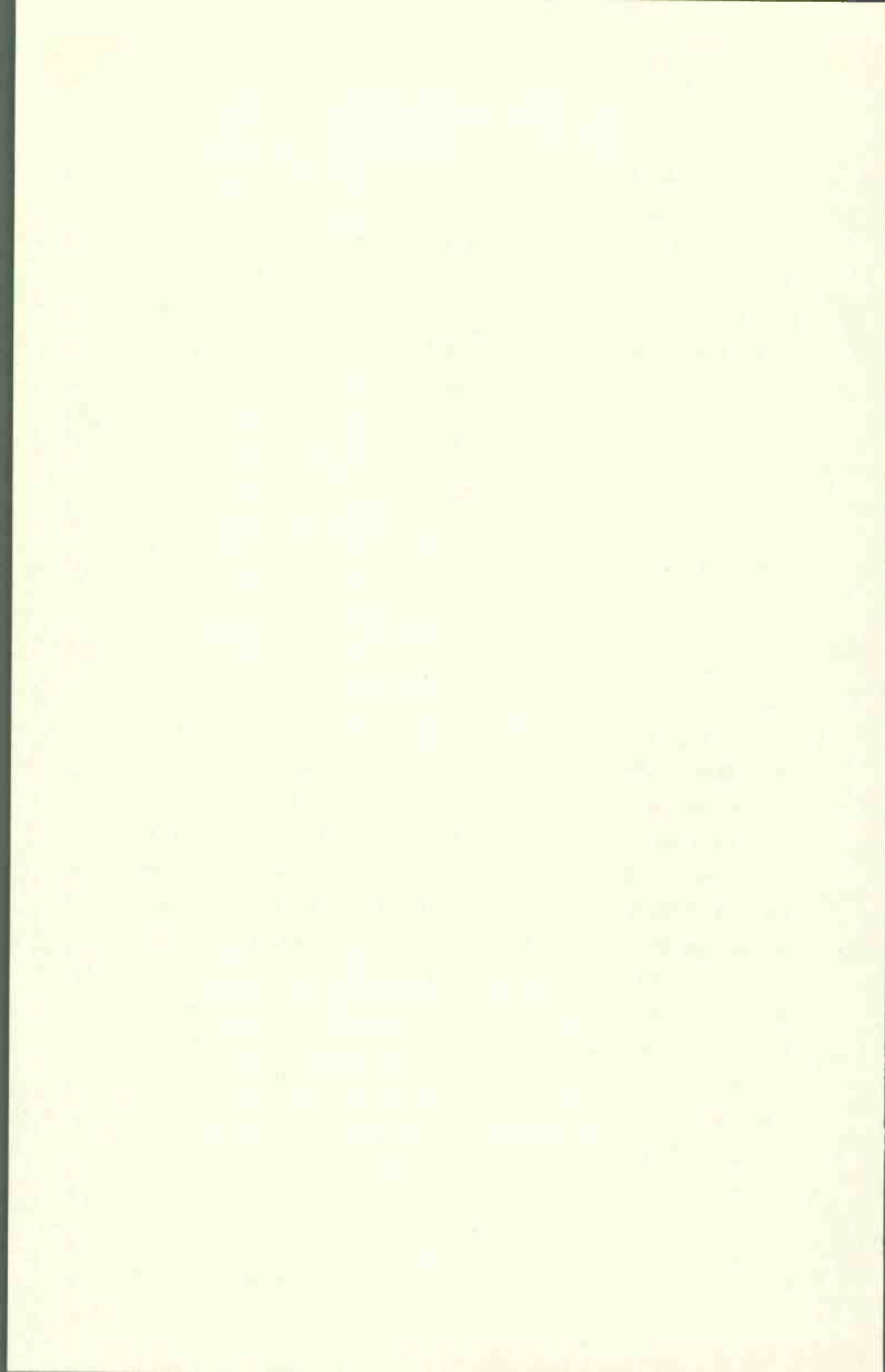
a porra do pião da puta da dama no caralho da casa quatro, e o cara se mandou, sem dizer palavra.

De mim não arrancam nada. Querem que eu confesse? Eles é que têm que confessar. Ah, o truque da comida envenenada... Já são três dias que não como nada (contei direitinho, a portinhola se abriu nove vezes). Só tomo coca-cola, de garrafa. E eu mesmo tiro a tampinha. Outro dia trouxeram uma garrafa aberta, recusei... Ah-ah, não adianta!

Novembro ?

A cabeça dói muito mas eu resisto. Às vezes me lembro de coisas que têm só uma cor: branco-labareda. Ou então um perfume: Vera. Por que tinha que ser eu? Agora me lembro. Isto aqui só pode ser um abrigo antinuclear e eles precisam preservar os melhores cérebros do país. Ih-ih, eu sou um deles... O melhor deles. Por isso estou aqui, incomunicável, bem guardado, a cabeça doendo, até que lá fora surjam as condições ideais para eu assumir.

O que eles não sabem é que já assumi. Daqui mesmo comando tudo, só com meu poder mental, nada me escapa! Comando os idiotas e ordeno o extermínio. Esterquilínio? Pullus galinaceus in sterquilinium margaritam quaerit. Não é isso? Pérolas aos porcos! E a cabeça, meu Deus! Será que vou resistir? A lembrança de Vera é um perfume acintoso, e trevas. Mil estalactites gotejam pelo temporal de papoulas estilhaçadas. Tenho a luz no vitrô, essa mão que me afaga e me faz lembrar. Mas eu não quero esquecer...



Quatro estações



Exatos três meses depois, no início do Outono, ele foi levado novamente ao palco. Quando a cortina se abriu, o silêncio era quase total. Esguio, magro, coberto por um cafetã azul-claro, que deixava apenas a cabeça à mostra, sua aparição calou os últimos ruídos. Cabeça loura, bem torneada; cabelos curtos, aparados por igual. A tez era clara e lisa; o queixo miúdo, o nariz afilado. Imóvel, tinha o olhar fixo num ponto distante. O foco de luz pouco intensa, que quase não deixava contrastes, não chegou a eliminar os contornos, mas foi o suficiente para emprestar qualquer coisa de camafeu ao rosto pálido.

Entre a cortina se abrir e a sessão começar, passaram-se uns segundos, durante os quais se fez audível a respiração das pessoas.

Sozinho no palco, ele começou a abrir lentamente a boca, enquanto projetava a língua em requebros excêntricos, para

recolhê-la em seguida. Só a língua e a boca se moviam. No resto do corpo, imobilidade de estátua, os olhos fixos no mesmo ponto. O exercício repetiu-se algumas vezes. A cada tentativa, a língua crescia, a ponto de se supor que, ao regressar dos requebros, não mais caberia na cavidade bucal.

Foi o que aconteceu.

A partir de certo momento, a boca manteve-se aberta, até o final da apresentação. A língua atingiu o tamanho de um braço de criança, ou quase, e começou a tecer no ar um rendilhado de movimentos exóticos, muito rápidos, difíceis de acompanhar. Ao mesmo tempo, ia adquirindo formas variadas. O público parecia deleitar-se, a julgar pelo silêncio denso, apenas cortado, aqui e ali, por alguma respiração menos compassada, um ou outro "Oh!" de prazer.

Sozinho, sob a luz, ele mantinha rigorosa imobilidade.

Em seguida, foi possível ver com clareza o pequeno orifício na ponta da língua, que agora flutuava serena. A outra ponta, como é óbvio, perdia-se no escuro da garganta, embora a luz tênue não permitisse confirmá-lo. Mas quem se preocuparia em averiguar o certo e infalível?

Do pequeno orifício começou a brotar um som de puro leite, leve trinado, sem modulações. Mas estas logo começaram, em prodigiosa variação cromática e de registro, do agudo ao grave, às vezes sem passagens intermediárias. O prazer das pessoas era indisfarçável, apesar do silêncio e do comedimento reinantes.

Era um som que se impunha pela pureza e limpidez, a despeito do andamento pobre e da melodia escassa, um som de tal modo ágil e cristalino que fazia pensar na firmeza superexcitada das manobras que antecedem os primeiros acordes de uma sinfonia.

De certo modo, não houve surpresa. Foi o que veio a seguir.

Quando os acordes principiaram, a língua voltou a executar a coreografia de antes, bem como a exibir sua habilidade em adquirir novas formas. Ou melhor, uma nova forma: o orifício logo fixou-se como o bico entreaberto de um pássaro, em palpação constante. Entrevia-se ainda a cabeça, de contorno delicado, mas preciso, além dos minúsculos pés e um esboço de asas, prestes a desatar o voo. E a longa cauda, cada vez mais longa, atada ao ermo da garganta.

Sozinho no palco, ele permanecia imóvel. Os únicos movimentos eram os da extensa e agora fina língua, em cuja extremidade se agitava um pássaro dos mais canoros.

Requebros excêntricos e coreografia acústica. Sinfonia catedralesca em miniatura, diriam todos, não fosse o evidente exagero e o contra-senso. Sinfonia vibrante e colorida, ao menos, a ponto de o prazer por ela proporcionado transformar-se em algo espesso, como uma onda, singrando o ar cruzado pelas volutas e arabescos do som inigualável.

Sozinho, sob o foco de luz baça, ele permaneceu imóvel, mas já era evidente seu cansaço.

O pássaro cresceu ainda um pouco e as asas ganharam formas definidas. A cauda estendeu-se ao máximo, reduzindo-se a um fio quase imperceptível. Quando nada parecia poder impedir o voo, o fio rompeu-se, a música cessou e o pássaro se desfez no ar, sem deixar vestígio, salvo a lembrança de suas evoluções e do seu canto, ainda viva nos assistentes, que não regatearam aplausos, sóbrios porém intensos e sinceros.

No corpo imóvel, sozinho no palco, a boca permaneceu aberta por uns segundos. Antes que o facho de luz se extinguisse, foi possível avistar o vazio em que se tornara, até o confim escuro da garganta. Foi possível também divisar, num relance, o olhar acinzentado.

Exaurido, ele mal teve forças para a leve flexão com que habitualmente agradecia os aplausos. Foi preciso ampará-lo no caminho de volta a seus aposentos.

Assim que se viu só, desfez-se do cafetã azul, que deslizou para o chão, e libertou as amplas asas com que cobriu o rosto, já sem expressão, tentando abafar o que seria um vago arrulho.

Mais três meses e, certo e infalível, chegaria o Inverno.

Leadbelly, El Morocho & Íbis



O primeiro a chegar foi Barriga-de-Chumbo. Tirou do bolso do colete o cartão que dizia “20, rue de Clichy” e verificou que a chave, recebida três meses antes, em Cleveland, adaptava-se perfeitamente à fechadura. Correu os olhos pelo aposento e deteve-se num dos aparadores ao lado da janela. Imponente, soberana, ali o aguardava uma garrafa de *Jack Daniels*, que ele começou a degustar já a partir do inconfundível rótulo preto. Ao lado, uma caixa de *Romeo y Julieta*, “Five-year aged blended tobacco”. Abriu um largo sorriso: “O sacana do Íbis pensa em tudo!”.

Trancou a porta, desabotoou o casaco e aninhou-se na *bergère*, acariciando o frasco. Depois de um largo trago, levou o corpanzil à janela, escancarou-a e estufou o peito em direção

ao último halo da tarde. “Esta cidadezinha infeliz só presta para alguma coisa no Outono. Devia fechar no resto do ano.” De volta à *bergère*, empenhou-se na piedosa tarefa de acender um *Romeo y Julieta* e foi cerrando os olhos, agradecido, enquanto punha no ar a espessa baforada inicial.

Barriga-de-Chumbo: Huddy Leadbelly, filho de escravos, nasceu numa fazenda da Louisiana, a 17 de março de 1888. Ganhou o apelido, depois adotado como nome, num tiroteio, aos dezesseis anos. Nunca mandou extrair as balas, por achar que lhe davam sorte. Apesar do porte avantajado, da força descomunal e da coragem lendária, era um sentimental. Compunha ternas baladas que só apresentava em audições para amigos seletos. Passou boa parte da vida na prisão, às vezes pelo capricho de se manter leal a quem reconhecidamente não o merecia. Controlava a conexão Chicago-Dacar-Paris.

Quando abriu os olhos, tinha, em pé, diante de si, o sorriso amplo e as mãos estendidas de El Morocho. O abraço veio espalhafatoso, crivado de risadas e gritos de “Che!”, “Buddy!”, várias vezes repetidos.

Assim que a efusão amainou, El Morocho concentrou a atenção no balde de gelo e na taça transparente, que repousavam em cima do aparador da esquerda. Caminhou até lá, estendeu o braço e sorriu malicioso: “*Moet et Chandon*, 1921! Estupendo!”.

– Aquele sacana pensa em tudo, hã, pibe!

– *Chandon* 1921! Nem posso acreditar... O sacana, como dizes... Por falar nisso, sabes por que ele nos chamou?

El Morocho: Charles Romuald Gardès, nasceu em Toulouse, sul da França, a 11 de dezembro de 1888. Cedo emigrou para a Argentina, onde cresceu, ganhou fama e adotou o nome de

Carlos Gardel. Amado incondicionalmente por todos quantos lhe deviam proteção, foi o mais elegante rei do basfond que Buenos Aires conheceu. Chegou a ganhar imensas fortunas, que dissipava em cavalos de corrida lentos demais e em mulheres demasiado rápidas. Sua frase predileta: "Tudo o que tem preço é barato". Tinha sob sua responsabilidade a rota Paris-Buenos Aires e, a partir daí, todo o cone sul da América Latina.

Sentados em redor da mesa, ouviram atentamente a explanação de Íbis, o último a chegar.

Ele concluiu:

– Falta explicar ao cretino do Pierre a sua parte, farei isso logo mais. O restante já foi providenciado e está aí no relatório, que me fareis o favor de ler, já que tive o cuidado de datilografá-lo em três vias.

O documento continha a descrição minuciosa dos planos de Íbis, para uma única noite, e dados como a lista de convidados (Mejías, Isadora, Salvador, Gertrude, Almada, Federico, Marta, Azucena, Belisario e outros, ao todo vinte pessoas); item por item, o *buffet* encomendado ao "Bal Tabarin", com aparelhagem completa e serviços; todo o programa a ser executado pela orquestra do "Empire"; detalhes da decoração contratada ao "Gaité Lyrique" para o luxuoso barco, alugado pela bagatela de 250.000 fr, por uma única noite. Custo total: 2.350.000 fr.

– Não é que ele pensa mesmo em tudo! – El Morocho comentou, dirigindo-se a Barriga-de-Chumbo, como se Íbis, com seu sorriso plácido, não estivesse presente.

Barriga-de-Chumbo exclamou:

– Good Lord, Íbis! You're entirely out of your mind! What a devilish think-tank you get! But I love it, yeah! I sure do. And I need another bottle of *Daniels*.

– Ei, ei! Vós sabeis que eu não compreendo inglês. Que foi que ele disse? – protestou El Morocho.

– Leadbelly declarou que concorda, pibe, que concorda com tudo. E tu?

– Ah, sim. De acordo. Podem contar comigo.

Íbis: Fernando Antônio Nogueira de Seabra Pessoa, nasceu em Lisboa, a 13 de junho de 1888. De origem burguesa, bem situado, herdeiro de uma loja de ferragens, abandonou tudo para filiar-se ao grupo, de que logo se tornou o mentor intelectual. Não se sabe se assim o fez por ambição desmedida, pelo fácil acesso ao ópio ou pela atração do perigo. Mecenas discreto, patrocinou a criação de grêmios recreativos, como “Orpheu”, “Centauro”, “Athena” e outros, onde fazia declamar suas quadras escrupulosamente rimadas. Sediado em Paris, controlava todo o ramo europeu da organização.

Quando chegaram ao barco todo enfeitado de luzes e bandeirolas, ancorado à margem esquerda do Sena, alguns convidados já os aguardavam. A festa estendeu-se pela noite e foi... feérica? “Foi uma apoteose de luzes, corpos, aromas, música penetrante em que se esbatiam listas úmidas de som em meio a sorrisos como gomos de cristal. O ar foi todo inundado de um perfume denso, arrepiante de êxtase, silvado por uma brisa misteriosa, cinzenta, com laivos amarelos...” – conforme noticiou, no dia seguinte, um vespertino parisiense, em seu peculiar estilo provinciano, pseudo-sofisticado.

Assim que o último convidado partiu, os três se reuniram em torno da mesa, no convés, e conversaram por algum tempo, sob o frio da madrugada.

– Tens certeza de que o Pierre cuidou de tudo? – El Morocho lembrou.

– Não tenho a menor dúvida – garantiu Íbis. – Verifiquei pessoalmente cada pormenor. Não haverá surpresas.

– Então está na hora!

Barriga-de-Chumbo começou a extrair da voz rouca a balada que principiava:

*Irene good night, Irene good night.
Good night Irene, good night Irene,
O yes you're in my dream.*

...

*Irene good night, Irene good night.
I'm leaving this morning o-ho
And I don't know where to go...*

Os outros dois ouviram atentos e aplaudiram com entusiasmo. Serviram-se de mais *Jack Daniels*, *Moet & Chandon* e a inseparável *Macieira* de Íbis.

Queixavam-se do frio e da umidade (“Tenho os ossos encharcados”, lamentou-se Íbis) quando chegou a vez de El Morocho. Sua bela voz ecoou no cais deserto:

*Es la última farra de mi vida,
De mi vida, muchachos, que se vá.
Yo me emborracho por ella,
Y ella ¿quién sabe que hará?*

O murmúrio das águas correndo era o acompanhamento perfeito para o canto nostálgico e altivo do portenho. Terminado, mais sorrisos e aplausos.

O silêncio em volta era uma carícia, quebrada só pelo arrulho das águas. O frio se fez mais intenso quando o negrume da

noite transitou para o cinza, depois para o azulado, promessa de luz. Os três sabiam que o sol, mesmo frio, podia aparecer a qualquer momento.

Foi a vez de Íbis, que entoou, com voz sumida, uma de suas quadras prediletas:

*Nuvem do céu que parece
Tudo quanto a gente quer,
Se tu ao menos me desses
O que se não pode ter!*

Os amigos aplaudiram, com emoção, e queixaram-se de que tinha sido muito breve. Pediram mais. Íbis alegou que já tinha sido suficiente, mas os outros insistiram e ele atendeu-os:

*Água que passa e canta
É água que faz dormir...
Sonhar é coisa que encanta,
Pensar é já não sentir.*

Íbis teve o tempo exato de escandir o verso final. Barrigade-Chumbo, o mais alto dos três, ainda pôde captar, no último olhar dos amigos, relance entre as águas, o sentimento de júbilo e ternura, que era também seu.

Nesse instante, os primeiros raios de sol do dia 30 de novembro de 1935 brilharam, frios, sobre uma garrafa vazia de *Jack Daniels*, que boiava solitária, indicando o ponto onde os três amigos inseparáveis, com seu barco outrora iluminado e seu sonho azul, submergiram nas águas barrentas e mal-cheirosas do Sena.

O livro



Ao completar sete anos, o pai o levou ao bosque de carvalhos e pediu-lhe que escolhesse o de sua preferência. Daniel relanceou a vista pelo mar de árvores imponentes, deu uns passos e apontou para um dos carvalhos. Conforme haviam combinado, o homem agachou-se, o menino subiu-lhe às costas e ele começou a galgar o tronco espesso.

Quase no alto, já podiam avistar, por entre a ramagem frondosa, o disco vermelho e enorme do sol, na linha do horizonte. E também podiam ouvir o rumorejo do mar distante, mas talvez fosse apenas a brisa da tarde, a passear entre as folhas. A quase vinte metros de altura, Daniel apeou, recostou-se num côncavo de galharia entrelaçada e pôs-se a observar o pai, que fez, com sua faca, uma pequena incisão no ponto em que o tronco robusto começava a se estreitar.

A operação prosseguiu por alguns minutos. A lâmina agia rápido por entre as finas camadas, que se desprendiam com docilidade, até que das entranhas cor de âmbar brotou um chumaço de fibras e liames. O homem não teve dificuldade em trazê-lo para junto de si e começou a limpá-lo. Logo despontou em suas mãos, intacto, O Livro, que ele entregou ao filho, com um sorriso.

Daniel olhou curioso para o volume encadernado, ergueu-o à altura dos olhos e, enquanto o prendia com a esquerda, aplicou-lhe três golpes suaves com a direita espalmada. Uma leve poeira de pequeníssimos guizos bailou no ar, filtrada pelos raios do último sol, entre a folhagem.

De novo no chão, pai e filho caminharam de volta à casa.

– Este é o meu livro, pai?

– É.

– Como você sabia que eu ia escolher a árvore certa?

– Eu não sabia.

Conforme o combinado, Daniel teve quatro semanas para decorar a primeira página do seu livro. Vencido o prazo, reuniu-se com o pai, à beira do bosque, entregou-lhe O Livro e começou a recitar, palavra por palavra, a página recém-decorada. Satisfeito, o homem devolveu-lhe o volume encadernado e fez sinal para que prosseguisse.

Os dedos ágeis do menino arrancaram a folha em cuja face se inscreviam as palavras que ele mostrou saber de cor. Dobrou-a ao meio, tornou a dobrar, até abrigá-la toda na palma cerrada da mão esquerda, e, sob o olhar atento do pai, guardou O Livro na mochila e pendurou-a às costas. Apanhou com a direita a pá de cabo vermelho, que ganhara do avô, e embrenhou-se no bosque, sozinho. Escolheu um dos carvalhos e, a

curta distância, abriu uma cova de três palmos, onde plantou a folha dobrada – a primeira página do livro novo.

Repetiu a tarefa muitas vezes, a cada quatro semanas, sem pressa, enquanto brincava e crescia, e enquanto ia aprendendo os ofícios que o pai lhe ensinava. Nunca se cansou de ler O Livro, página por página, e nunca falhou ao mostrar ao pai que era capaz de dizer de cor o que tinha lido.

Aos treze, rapagão taludo, surpreendeu-se ao decorar duas páginas num só intervalo de quatro semanas. Consultou o pai, que lhe recomendou plantá-las no mesmo dia, mas cada uma ao lado de um carvalho diferente. E assim foi. Quanto mais Daniel crescia, mais rapidamente O Livro ia sendo espalhado pelo bosque.

Até que um dia, dezoito anos completos, mais alto e mais forte que o pai, Daniel teve dificuldade, cumpridas as quatro semanas, em trazer de cor sequer a página devida.

No domingo anterior, em uma das festas na Vila, o rapaz se enamorara de Letícia, filha mais nova do lavrador vizinho, e com ela dançou e palrou a noite toda.

– Foi por isso, meu filho, que você esqueceu o Livro?

– Não, meu pai. É que esta página é a mais linda de todas, até agora. Eu quis ter certeza de que não ia esquecer uma só palavra.

– Ah... Assim está bem.

Quando foi possível, Daniel então recitou a mais bela de todas as páginas do seu livro. No instante em que uma lágrima de alegria ameaçou rolar, no embalo da voz cálida e bem modulada, chegou a cerrar os olhos castanhos, dourados pelo sol poente.

O pai sorriu satisfeito.

O rapaz internou-se no bosque e, depois de perambular um pouco além do habitual, teve uma inspiração. “E se eu não plan-

tar esta folha?”, pensou. “E se eu a soltar ao vento?”, que soprava forte (era Outono), do alto do vale, na direção do mar distante.

Assim – ele prosseguiu em seu devaneio – as palavras tão belas seguiriam cantando no céu aberto, em vez de emudecerem, confundidas com a terra, ao lado de um dos carvalhos.

Seis meses depois, casaram-se Daniel e Letícia. As famílias se reuniram, parentes e amigos vieram, uns de perto, outros de longe. A celebração começou na véspera e estendeu-se, ininterrupta, por mais de vinte e quatro horas. Comida farta, de dia e de noite, roupa nova, cerimônia singela, apenas para alternar com muito canto e muita dança. No ar, perfume de alfazema e alecrim. Grato por estar para sempre ligado à companhia ideal que escolhera, Daniel nunca havia sonhado felicidade igual.

Os pais, os irmãos e os cunhados ajudaram a erguer, um pouco ao sul, logo acima do riacho que margeia o bosque, a pequena casa onde os noivos foram viver a sua vida nova.

Ele trabalhava de sol a sol, cuidava da terra e do rebanho nascente; ela cuidava do que lhe cumpria e ainda embelezava a casa, cuja alegria perene era a certeza que os abrigava. Nenhum dos dois tinha um só pensamento que não fosse dirigido ao outro, mas isso não impedia que visitassem, semana sim, semana não, com muito amor, ora a família dele, ora a dela.

A cada quatro semanas, Daniel nunca deixou de se reunir, no limiar do bosque, ao pôr-do-sol, com o velho pai, para quem recitava, do livro já quase todo lido, mais uma página, em seguida plantada ao pé de outro carvalho.

Muitas luas se passaram até que Daniel, por fim, plantou a derradeira página do seu livro. Acabara de completar vinte e três anos, dezesseis dos quais povoados, página a página, pelo

livro que lhe pertencia, agora reduzido a duas capas vazias. Isso não o deixou nem mais nem menos alegre, nem mais nem menos triste. Era só uma tarefa que se cumpria, como tantas outras, a contento – se bem que tenha sido a mais prolongada de toda a sua vida, até então.

Daniel quis satisfazer uma curiosidade.

– Esse livro, meu pai, acaso é o mesmo que você, no seu tempo, também leu e decorou, e recitou para o meu avô, e depois plantou no bosque dos carvalhos?

– Sim e não, filho. Seu livro pode lembrar o meu, palavra por palavra, mas não haverá duas páginas iguais. Meu livro foi outro. Livro, a cada qual o que lhe cabe. Você tem o seu e eu tive o meu, assim como seu avô teve o dele.

– E assim como meu filho vai ter o dele?

– Isso mesmo, assim como Josias, meu neto, um dia vai ter o dele.

Quando Josias completou sete anos, Daniel levou-o até a entrada do bosque e repetiu o que aprendera do pai. Em poucos minutos, estavam os dois aprumados no alto da galharia espessa – o pai a trabalhar com sua lâmina ágil, o filho a sorrir para os raios de sol que se infiltravam pelo rendilhado.

Daniel foi abrindo, sem pressa, as entranhas cor de âmbar, mas só encontrou um chumaço pequeno demais para conter o livro que buscava. Trouxe-o para junto do peito, limpou-o com cuidado e pôde ver, bem nítido, na palma da mão aberta, um olho, um olho só, castanho-esverdeado, onde pressentiu uma lágrima, prestes a rolar.

Antes que o previsto ocorresse, porém, o olho solitário se desfez numa poeira de guizos minúsculos, que pairou no ar, por um instante, irisada pelo último raio de sol.

Ao lado do pai, no côncavo de galhos entrelaçados que escolhera para se abrigar, Josias parecia dormir – a expressão se-

rena de quem, tão criança, já tivesse experimentado todos os sonhos possíveis, e já não precisasse de livro algum.

De novo no chão, o filho nos braços, Daniel caminhou de volta, no rumo da pequena casa onde Letícia o aguardava.

Acima do mar de copas frondosas, um punhado de folhas cambiantes vogava, no rumo do mar verdadeiro.

O espelho



Na condição de privilegiado nativo de Embromônia-a-Bela, jamais serei suficientemente grato ao Destino que me fez vir ao mundo em tão aprazível e formoso recanto. Sei que corro permanentemente o risco de nem me dar conta desse encanto, tão certo e natural parece – certo como um suspiro e natural como qualquer artifício bem tramado. O fato é que nasci e vivo em meio ao milagre de não conhecer nada que se lhe compare. Se assim é, já milagre não será? Certamente não! O que há, ou não há, é que não me cabe esquecer: milagre, Embromônia nunca deixou de ser, posto que isso só me menoscabe.

Assim, para engrossar ou afinar o coro dos silentes, e para começar a louvar o nunca assaz louvado cotidiano encanto do

meu Recanto, eu, hoje, em meio a esta noite apagadamente ensolarada, solenemente declaro, a quem interessar possa, que tive ontem um dia excepcional como outro qualquer.

Fazia eu o giro deambulatório que habitualmente faço ou desfaço, de 50 em 50 anos, pelo centro velho da nossa formosa Embromônia, quando me chamou a atenção um simpático senhor sem gravata, quiçá um adolescente já bem velhinho, a apregoar, no silêncio gritante de uma placa multicolorida, os abismos fresquinhos que tinha para vender, em humilde cesto de vime.

“Um bom abismo até que me cairia bem”, pensei. Aproximei-me, um pouco à deriva, e com o indicador da mão direita fiz que queria um. Ele, que já sorria, pôs-se a sorrir tanto que lágrimas copiosas rolaram de seus olhos azuis. “O homem vai inundar esses lindos abismos”, tornei a pensar, embora não me lembrasse de o ter pensado antes. Mas nem precisei dizê-lo. Seu olhar azul (ou era lilás?) logo se recompôs, ele fez sinal para que eu abrisse bem o bolso esquerdo do capote que eu vestia, ou que me vestia, e com muito cuidado, o cuidado peculiar dos estabanados, ali depositou um abismo.

Sorrimos os dois, eu com meu abismo novo, bem guardado no bolso esquerdo do capote, ele com seu olhar violáceo-turquesa.

Antes que me afastasse, ele exibiu outra placa, menor, que dizia, por escrito, em caligrafia redondíssima, e assim mesmo, sem pontuação: “Um gato é um gato é um gato”. Concordei, despedi-me e retomei meu giro pelos ofuscantes e sombrios atalhos da nossa Embromônia-a-Velha – giro que muito me apraz refazer, como já afirmei, de 50 em 50 anos, embora nunca o tenha feito antes.

Nas imediações do Largo da Patranha, onde foi proclamada, como se sabe, a nossa Independência, que para sempre nos

escravizou ao imarcescível encanto do então nascente Reino da Embromônia; nas imediações do Largo da Patranha, como eu dizia, introduzi minha mão esquerda no bolso esquerdo do capote, como habitualmente faço quando não sei que rumos dar a essa irrequieta mão, e toquei a borda superior (mas talvez fosse a inferior, ou uma das laterais) de um volume que não devia estar ali. Afinal, depois de muito meditar, por breves segundos, deduzi que abismos novos, comprados a senhores simpáticos, sem gravata, sempre escondem alguma surpresa.

Cabe aqui (ali não caberia) uma explicação preliminar, que não deixa de ser, também, a seu modo, epilodal, para não dizer posterior ou até mesmo anterior. O bolso esquerdo do meu capote, embora nada descomunal, é amplo e confortável, devendo medir não mais que dois ou três alqueires centígrados, espaço suficiente para que ali se abrigue, com alguma folga, sempre que assim o deseje, a minha não esquerda, pelas razões já explicadas.

Qual não foi, portanto (ou qual foi?), minha surpresa ao notar que o referido bolso tinha crescido um pouco, a ponto de ali acomodar-se aquele gracioso volume, com uma borda que inadvertidamente julguei ser a superior. Mas se há uma borda, superior ou não, haverá também a oposta, inferior ou não, assim como haverá também as laterais. Um volume com bordas, pois – conforme, aliás, já havia sido colateralmente explicado.

Isto posto, verifiquei que, para atingir o volume todo (tal era meu intento), não bastava introduzir ali a minha mão esquerda. Como o bolso do meu capote havia crescido um pouco, não tive dificuldade em fazer que a referida mão aprofundasse o seu excursus investigativo no novo espaço que então se abria, arrasando atrás de si, nesta boa ordem, o punho, o antebraço, o cotovelo e o braço todo, até a altura do ombro.

Como tal providência ainda não fosse suficiente (o volume parecia escapar ou crescer), fiz que para lá se dirigisse, também, meu braço direito, com todas as partes que lhe pertencem, acompanhado do tronco, um pouco flexionado, e este, por sua vez, fez-se acompanhar do meu par de olhos e da testa, logo acima do tronco, tendo um pescoço de permeio.

Por que os olhos? Primeiro, porque a testa não seguiria sem eles. Depois (sei que não faria falta nem alteraria nada, é bem verdade, mas...) tive curiosidade de ver o que acontecia no interior do bolso esquerdo do meu capote.

Ao me abaixar um pouco mais, eu, meus dois braços, meu tronco flexionado, minhas pernas e minha testa curiosa caímos todos no abismo recém-comprado ao simpático senhor de olhos cor de esmeralda, sem gravata. E fomos caindo.

Melhor, viemos caindo, abismo adentro ou abismo afora, até que vim parar aqui, nesta noite quente, de sol ensurdecedor, algo desconjuntado, reconheço, sem meu capote, que aliás já não faz falta, mas sem me desgrudar do volume jeitoso, encontrado no meio do abismo novo.

Imediatamente desfaço-me dos papéis e do barbante, extraio de dentro do embrulho um belíssimo espelho de bordas bizantinas, apoiado em magnífico pedestal, e deposito-o sobre a penteadeira que outrora havia ao lado da janela, no quarto onde jamais estive.

Fito-o com atenção e não vejo nada.

'Round midnight



Quem julgasse por meus hábitos comedidos diria que foi uma extravagância. Com efeito, este quadri-estéreo, além de estar muito acima de minhas posses, tem um poder de som e uma sofisticação incompatíveis com a acanhada sala de que disponho. Foi o que insinuou o técnico enviado para a instalação, e eu concordo. Ele na verdade quis dizer que não a minha casa modesta, mas eu próprio é que estava aquém de tal requinte. Com isso já não concordo.

– O senhor vai-se sentir como se estivesse no meio da orquestra – ele todo melífluo. – Os músicos e os cantores fazendo uma apresentação ao vivo, só para o senhor.

Depois, com o ar visivelmente contrariado de quem julga estar servindo finas iguarias a um inapetente, ele condescendeu

em me transmitir umas instruções, mescladas de pseudoconceitos técnicos, e abruptamente concluiu:

– O importante é o senhor saber que toda distorção, toda interferência foram eliminadas, quer dizer, reduzidas a um mínimo imperceptível ao ouvido humano. O que o senhor tem é som puro, a melhor tecnologia disponível no mercado.

Pensando bem, até que foi gentil, o moço. E parece entender mesmo de tecnologia de som, equipamentos e aparelhagens, embora não faça a menor ideia de sua serventia. Se fizesse, isto é, se tivesse qualquer rudimento de gosto musical, não teria tempo para se dedicar às complicadas engenhocas que passa o dia montando e desmontando.

Já meu caso é outro. Não entendo nada de aparatos eletrônicos. Botões e teclas de comando, às dezenas, ponteiros e sinais coloridos que se movem graciosamente em pequenos painéis luminosos, cheios de arabescos sutis, tudo isso pode ter seu encanto em si, reconheço, mas me incomoda, me deixa aturdido. Agora, sei muito bem para que serve a parafernália toda. Tenho um ouvido apurado, uma sensibilidade mais ainda e sou capaz de distinguir as intenções veladas de cada nota. Sei captar o medo do abismo que cada acorde bem executado procura, ao mesmo tempo, apreender e esconder. Por isso, enfim, é que cometi a extravagância de adquirir este dispendiosíssimo quadri-estéreo. De agora em diante, não haverá desperdício.

Vou ao meu favorito, *Mulligan meets Monk*, direto à primeira faixa, lado dois, *'Round midnight*, que conheço de cor, movimento por movimento, acorde por acorde, cada um dos oito minutos e vinte e seis segundos, todos os quinhentos e seis segundos que integram a execução. Sei tudo a respeito. Foi a primeira e única vez que Gerry Mulligan e Thelonius Monk se reuniram, trancados num estúdio por dois dias, em 1957. Tenho a gravação original, de qualidade sofrível, e uma regravação

recente – remasterização, como eles dizem –, estupenda, graças ao avanço tecnológico desses aparatos, sem dúvida mirabolantes.

A expressão acuada de Mulligan, na contracapa do álbum duplo, fala do medo que o branquela genial tinha de ser engolido pela magia diabólica de The Monk. Mas ele aceitou o desafio. Obediente e disciplinado, seu sax vai o tempo todo atrás do piano do negro. No entanto, apesar da subserviência, ele nunca chegou a ser tão Mulligan como em “Round midnight”. Difícil entender, mas é assim mesmo. “Follow me”, diz Monk, “but be yourself”. Sei tudo a respeito. Mas algo me diz que ouvi-lo agora será uma redescoberta.

O prato começou a girar macio. Confesso que os primeiros vinte segundos me deixaram atordoado. A massa e a textura, o cromatismo, a limpidez do som emitido pelas quatro caixas acústicas, estrategicamente distribuídas pela sala, superaram minha expectativa. A sensação é de que a música brota das paredes, do chão, do teto. Ou de mim mesmo, das minhas entranhas. Tive de fazer algum esforço para evitar que a excitação pusesse tudo a perder.

Enquanto se escoava o exercício introdutório – sax e piano se estudando, em primeiro plano; as vassouras enérgicas de Shadow Wilson e o contrabaixo de Wilbur Ware na sustentação – me ajeitei na poltrona e pude captar, dos vinte aos trinta segundos, a mão suave de Monk fornecendo o tema de *Round midnight*. Durante esses dez segundos, uma eternidade para ele, Mulligan deve ter atingido o limite máximo de tensão que um homem é capaz de suportar. Quanto a mim, já estava pronto para o que viria em seguida.

Mulligan começa a desatar seu lamento de nervos retesados, que dura, como eu já sabia, quatro minutos e quinze segundos. A palavra certa é *concentração*. O sopro que atravessa o sax vem do diafragma, ou da cavidade pélvica, como um vendaval.

Mas, ao atingir a caixa craniana, uma energia insuspeitada o controla e faz que percorra o suave labirinto do instrumento, para chegar ao exterior como uma carícia. Fortíssima, intensa, mas só uma carícia, redonda e cheia.

Mulligan vibra no ar o seu lamento, como quem está perdido no fundo de um abismo e sabe que só o melhor de si poderá salvá-lo. The Monk, ao lado, tamborila umas notas esparsas, irônicas, como se não estivesse nem aí. O branquela se sabe entregue à própria sorte e enfrenta-a, com a gravidade que só as crianças conhecem, quando entretidas com seu brinquedo favorito.

A concentração não elimina o medo, pois a qualquer momento tudo pode romper-se. A disciplina e a leveza do sopro, em seu último estágio, não anulam, ao contrário, só acentuam a intensidade das emoções, no limiar do desespero. Por isso, a gravidade de Mulligan, como nas crianças, se traduz num sorriso inocente e não na máscara de seriedade e presunção que o comum das pessoas conhece: a negação da vida.

Fúria de vendaval para obter a frágil limpidez de um trinado de pássaro.

Para quê todo o esforço?

Mulligan não sabia e certamente esqueceu-o, logo depois. Durante aqueles quatro minutos e quinze segundos, Monk ensinou-lhe que é só para saltar sobre o abismo e retornar, exausto mas tranquilo, sorriso nos lábios. Nada sobre nada.

Em seguida, enquanto Mulligan toma fôlego, o piano de Monk desenha um rendilhado que simula aplaudir, e só aplaudir, a performance do companheiro. Suas mãos flutuam sobre o teclado, em agitação febril, mas deixam que os dedos toquem apenas os pontos certos, poucos. Ainda assim, excessivos?

Discretamente, finge pôr em prática a lição que ele mesmo ensinara ao outro. E sorri: tônica, subtônica, dominante. Re-

verte a ordem, brinca, sem perder a gravidade, e seus acordes desdobram paisagens como planos inclinados, com angulações variadas, em velocidade vertiginosa, aparentemente incompatível com a suntuosa morosidade do *blues*.

Um cheiro de abismo impregna o ar agradecido.

Aos sete minutos e cinquenta segundos, Mulligan retorna e tem início o diálogo final, trinta e seis segundos de casamento perfeito entre o sax barítono do branquela e o piano mágico do negro.

O sax vem a ser um amontoado de cobras que se enroscam, sutis, no arvoredo que o piano planta no espaço entre os dois.

O quadri-estéreo me permitiu percebê-lo com mais clareza, embora não seja exatamente assim. Isso de cobras e arvoredo é fruto da minha dificuldade com as palavras. Tenho uma memória quase exclusivamente auditiva e só com grande esforço é que me lembro, por exemplo, de uma ou outra página, das muitas que já li. Por isso me dedico à música – à sua audição, bem entendido, já que não sou capaz de compor o mais rudimentar fraseado melódico. Mas a literatura não me desgosta, em absoluto. Apenas aguardo que os senhores do mundo destruam de vez todos os livros existentes, que só servem para entulhar espaços e acumular poeira, tomando antes, é claro, o cuidado de gravá-los, pelo menos os melhores, em discos e fitas magnéticas. Sinto-me capaz de decorar um romance de quinhentas páginas, palavra por palavra, desde que uma voz apropriada o introduza em minha sala, através do quadri-estéreo.

A propósito, não creio em premonições, mas em 1922 (Mulligan acabara de nascer, Monk tinha pouco mais de dez anos), o escritor Jaroslav Seifert conseguiu descrever, décadas antes do encontro, e melhor do que ninguém, o diálogo final entre o negro e o branquela geniais. É uma das raras páginas literárias que pude memorizar: “Baixo baixinho os aviões cinzentos des-

cem como pombas e se precipitam na direção das estrelas. Cantam em ritmo metálico belas melodias e ainda mais belas são as flores elétricas do jardim da casa multicolor. Os aviões cantam a canção da noite como rouxinóis. O sol apagou-se mas da alta torre os projetores passeiam nas ruas as chamas do dia novo”.

Nisso, exatamente no instante em que Monk soou a derradeira nota e Mulligan emitiu o último sopro, uma esplêndida revoada de pássaros irrompeu simultaneamente das quatro caixas acústicas e inundou a sala.

Pus-me a observar entretido a delicada estatuária de sombras que eles esculpiam no ar, saltando farfalhantes e coloridos, entre as cobras e o arvoredo. Alegrou-me o fato de que a sala, apesar de acanhada, oferecia espaço suficiente para todos nós.

Em poucos segundos, o movimento cessou. Os pássaros pousaram, prontos para o sono, e suas cores foram esmaecendo. Em breve, eram todos cinzentos e começavam a se dissolver numa espécie de espuma rala.

Felizmente compreendi a tempo e fiz girar de novo o prato. Aos primeiros acordes as cores voltaram e a estatuária se recompôs. Monk e Mulligan tornaram a circular entre nós, por outros oito minutos e vinte e seis segundos inesquecíveis.

Ao final, as caixas acústicas eram cornucópias infatigáveis. O arvoredo não foi suficiente para acomodar a nova e magnífica revoada de pássaros plenicoloridos, que ocuparam os móveis, o lustre, as estantes, os meus ombros. A sala, realmente modesta, já não dispunha de espaço para acolher novos convivas.

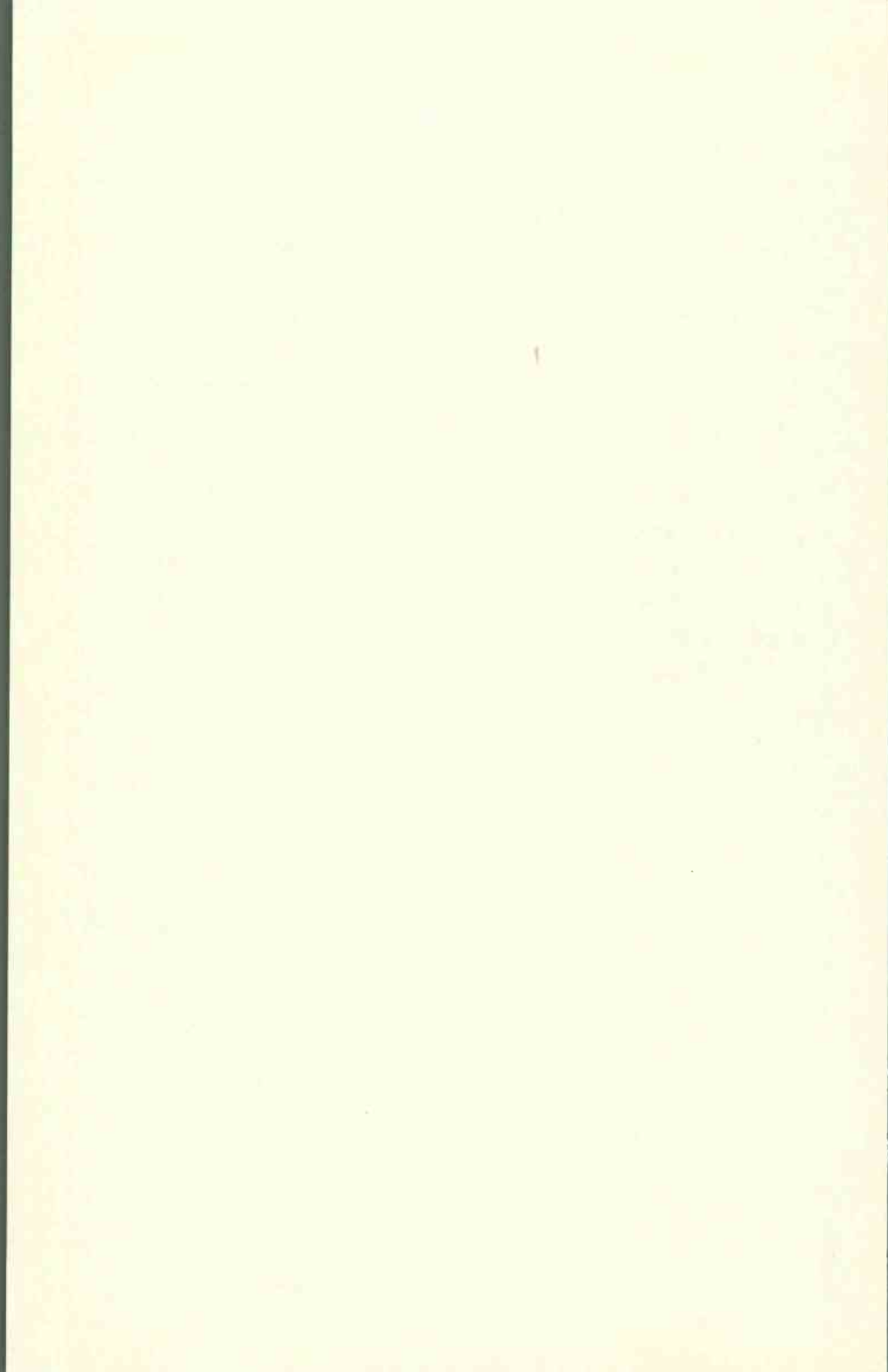
Rápido, afastei um bando de narcejas e curiangos, que arrulhavam num dos braços da poltrona, e me esgueirei por entre as cobras e o arvoredo. Fiz girar novamente o prato e tive a ideia de satisfazer a uma curiosidade que me pareceu legítima: os fones de ouvido.

O contato das peças almofadadas, contra as orelhas, foi agradável, mas não sei o que houve durante os três ou quatro segundos que levei para plugar o fone, desconectando automaticamente as caixas acústicas. Monk já tinha proposto o tema e Mulligan iniciava o seu solo exemplar. Pássaros, cobras, arvoredo, estávamos todos ali, para acompanhar atentos os quase oito minutos que restavam.

Terminada a faixa (minha concentração chegara ao limite), senti um silvo agudo e ao mesmo tempo espesso me inundando os ouvidos. Foi como se todo o meu estofado de vísceras, nervos e lembranças equivocadas fosse de repente substituído por uma multidão de formas difíceis de descrever.

São coloridas e se movem. Pouco a pouco, vão serenando e começam a flutuar. A sala pequena e repleta é um amontoado de cobras e galhos frondosos, que se enroscam em meus ouvidos.

Os pássaros se agitam sobre a face do abismo.



Jack Dempsey



1

Enquanto desce os degraus que o separam do salão em penumbra, ele ajeita a gravata. *Hy, Jack! Hey, buddy!* Diante do maitre, ergue os punhos à altura do rosto, flexiona o tronco e se esquiva do golpe imaginado. Ainda semicurvado, mãos fechadas, desliza o polegar pelo nariz. *Cool, man!* Tapinha no ombro, dá mais uns passos, corrige a posição do arranjo de flores na mesa de centro. Quase saltitando, ganha a rua.

2

A multidão vocífera, Jack não tira os olhos de Carpentier. De repente, a locomotiva em fúria salta do corner oposto: deve ter soado o gongo. Finta rápida, Jack começa a girar para a esquer-

da, a girar e a bailar, sem parar. A direita cobre o rosto, a esquerda ensaia jabs curtos. Carpentier sabe que ele dissimula; só prepara, com a esquerda, o direto fulminante de direita. Jack sabe que ele sabe, sabe que o outro logo se sentirá à vontade para, quem sabe, ousar um pouco, e relaxar. Jack dança mais rápido, aproveita o impulso do giro e dispara a tonelada do seu *hook* de esquerda, certo, entre o queixo e o nariz de Carpentier, que se contorce e desaba. Jack observa, à distância, o braço que sobe e desce, a intervalos regulares. Nem se preocupa em contar junto. Sabe que, em seguida, a multidão entrará em delírio, o ginásio virá abaixo.

3

Jack torna a ajeitar a gravata, caminha mais uns quarteirões, já no limite entre o Queens e o Brooklyn, dos lados da Ponte, e entra no boteco de Jimmy Hammer, para o trago e a prosa fiada de todo começo de noite. *Hy, Jack! Hey, buddy!* Não se cansa de contar como derrubou Georges Carpentier (ou foi Jess Willard?), no primeiro *round*. É bom ouvir de novo o urro da multidão. Todos lhe admiram a potência da esquerda arrasadora. Mas não é força, ele explica. É cérebro, astúcia, agilidade. E o olhar que não vacila. A luta se decide pouco antes de começar. Quando soa o gongo, o outro já deve saber que perdeu. *Yeah! They knew it, Jack. They sure did. Cheers!* O último gole de *bourbon* desce como uma carícia. Tapinha no ombro, polegar deslizando pelo nariz, ele gira nos calcanhares e volta a ganhar a rua.

4

Em meio à vociferante escuridão em volta, o quadrilátero iluminado é o centro do mundo, palco onde tudo se resume. Jack comanda o espetáculo, com sua elegância e a ciência inigua-

lável de sua nobre arte. Força bruta? Jack Dempsey? Nah! Quem, dentre eles, sabe distinguir entre um cabernet e um merlot, de boa safra? Quem se sente à vontade em camisas de seda, ternos de fina casimira inglesa, sapatos de cromo alemão, abotoaduras de ouro? Quem, como ele, pontificou no Palace Theater dos bons tempos, ao lado de príncipes, magnatas, potentados e artistas de todas as artes? Quem? Quem teve a seus pés beldades como Doris Lilly, Mamie Van Doren, Lupe Velez, Mae West e tantas mais? Nenhuma se compara, é verdade, à sua doce Estelle Taylor. Mas o que elas queriam? A força dos seus punhos? Nah! Jack? Alma de artista, o maior campeão de todos os tempos. É bom lembrar, é bom ouvir de novo.

5

Jack apressa o passo. Enterra o chapéu, levanta a gola do casaco e aproveita para ajeitar a gravata. Ele sabe que ainda é o melhor. Nenhum dos meninos que foram aparecendo por aí lhe faria sombra: Joe Louis, Rocky Marciano, Floyd Patterson, Muhammad Ali. Este talvez resistisse três ou quatro *rounds*. Myke Tyson? Não teria tempo de pensar em cravar os dentes no grande Jack. *Hy, Jack! Hey, buddy!* O porteiro o saúda. A essa hora, o restaurante deve estar cheio, reluzente de celebridades. Jack entrega o chapéu e o sobretudo à recepcionista, endireita a gola do casaco, ajeita mais uma vez a gravata e passa a mão esquerda pelos cabelos ralos. As portas se abrem à sua passagem, a multidão ovaciona. O gongo pode soar a qualquer momento.



O menino de sua mãe

“Menino antigo”

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



Depois de algum tempo a folhear o número de março de *La Vie Contemporaine*, finalmente chegado de Paris, Magdalena pôs de lado a revista, ergueu-se e, num gesto quase instintivo, ajeitou os cabelos diante do espelho alto, logo acima do aparador. A penumbra da sala não impediu que reparasse no próprio cenho, levemente contraído, as olheiras acentuadas, o ar de cansaço. Foi só um relance, mas a imagem persistiu enquanto ela caminhava, a passos medidos, na direção da sacada. Suspirou, esboçou um sorriso, “Magda, minha cara, estás um traste”.

Apegou-se à justificativa dos encargos domésticos – dobrados, triplicados, nas últimas semanas. O segundo filho, recém-nascido, a exigir cuidados constantes; o agravamento da doença

do Joaquim, por fim diagnosticada como tuberculose, o que forçava o marido a se internar, às vezes por dias seguidos, ficando ela à frente da casa; os achaques recentes da avó Dionísia, a sofrer das “faculdades mentais”, como diziam todos... E a escassa ajuda de Joana e Emília, as velhas criadas, companheiras da família por duas gerações, mas por isso mesmo já não tão eficientes.

Afinal, consolou-se: que frescor, que jovialidade de expressão resistiria a peso tão avantajado e repentino?

Ao se aproximar da sacada, sorriu, “Deixa estar, são fases. Logo, logo, tudo se ajeita”. Com um gesto pausado mas firme, correu o reposteiro que protegia do contágio do mundo exterior a ampla sala, para que ali se espalhasse um pouco da claridade do fim da tarde. Abriu as portas envidraçadas, deu um passo até o balcão e admirou, naquela hora benigna, a paisagem que lhe era tão familiar: o largo de São Carlos, com seu movimento incessante, a fachada imponente do Teatro (era só avistá-la para que uns acordes da *Traviata* ou do *Navio Fantasma*, da última temporada, lhe viessem à memória), a Igreja dos Mártires, cujos carrilhões começavam a chamar para a Ave-Maria, e mais ao fundo, bem diante de sua sacada, um retalho do Tejo – onde Magdalena avistava, ou adivinhava, a dança das velas, o deslizar dos barcos de todos os tamanhos, até os grandes vapores, e a azáfama dos marujos.

Enquanto se deixava enlear pelo quase torpor da brisa tépida a vibrar no ar da tarde, Magdalena abriu, agora sim, um largo sorriso, “Nada de queixas, mulher! Deves mas é bendizer o destino que Deus te reservou. Um esposo amantíssimo, dois filhos pequenos, que são umas jóias preciosas, uma bela casa, ampla e confortável, bem arranjada, embora sem luxos, aí mesmo no coração do Chiado, na tua amada Lisboa – não é o que sempre almejaste? Que mais querias? Dificuldades, problemas, aflições? Quem não as terá?”.

O ano de 1893 corria sereno. Em janeiro nascera o segundo filho, Jorge, a inspirar cuidados, é verdade, saúde fragilzinha, mas veio trazer ainda mais alegria à casa. Magdalena observara, com atenção, a reação de Fernando Antônio, o mais velho, quando este pôs, pela primeira vez, os olhos no recém-nascido:

– É o meu irmão? É? Assim tão pequenito? E ele é nosso? Podemos tê-lo em casa para sempre? Que bom que será, não é, mamã?

A nota destoante era a doença de Joaquim. A internação, em junho, numa casa de repouso em Telheiras, coincidiu com o aniversário dos cinco anos de Fernando, e o doutor Korth não autorizou que seu paciente saísse do leito. A festa gorou. Comeu-se um pouco do bolo de nozes, preparado pelas criadas, os tios e primos falaram pouco, em voz baixa, e logo se retiraram. Fernando Antônio entreteve-se com o presente trazido por tia Aninha: uma enorme bola de borraçaha, multicolorida, de um lado um cão verde, de outro, um cavalo azul, montado por um *jockey* amarelo. Era só girar a bola e as figuras pareciam correr, umas atrás das outras...

Magdalena preocupou-se com o menino, receou que o decepionasse muito o cancelamento da festa. “Qual nada, mulher! Tu te preocupas demais!”, concluiu. Lançou mais uma vez o olhar para o Tejo distante, sorriu, suspirou, “Apesar dos pesares, apesar de tudo, que Deus me perdoe, mas sinto-me feliz, acho que sou uma mulher feliz”.

O pensamento fluía tão intenso e nítido, que Magdalena por pouco não se surpreendeu a falar sozinha.

Interrompeu-a o passo miúdo do filho mais velho, que estivera a tarde toda entretido consigo mesmo, em algum canto da casa, sem incomodar a ninguém. Magdalena ergueu-o ao colo, beijou-o muitas vezes e acomodaram-se os dois na *bergere* grená, junto à porta da sacada.

– Mamã, tenho uma pergunta.

– Que novidade, meu anjo! Mais uma... Tua coleção de perguntas é infundável... Diz-me lá, o que queres saber, desta vez?

– Mamã, o que é a felicidade?

Num gesto instintivo, Magdalena levou a mão à boca. “Terei pensado em voz alta?” A natureza da pergunta não causou surpresa. Já desde os três anos Fernando se expressava, muitas vezes, para espanto de todos, com proficiência de adulto. Não era então de estranhar que, aos cinco, o menino se aventurasse em abstrações dessa ordem. O que surpreendeu foi a coincidência. “Meu Deus”, Magdalena quase deixou escapar, “com que então, agora, o meu rico Nando também adivinha pensamentos...”. Mas limitou-se à resposta que lhe pareceu mais natural.

– A felicidade, meu filho, é poderes estar em algum lugar, sem desejos de estares em outro qualquer. Compreendes?

– Quer dizer, *estar* – ergueu a voz, encompridando a segunda sílaba – estar num lugar é o bastante, não faz falta estar em outro lugar nenhum?

– É isso mesmo!

– Já percebo. E então – começando a rir – para se ser feliz não é preciso ser, é só estar...

Saltou do colo da mãe e continuou a rir. Enquanto corria à volta da *bergère*, repetiu algumas vezes, variando o tom de voz: “E só estar, não é para ser, é só estar”, como se o divertisse não a descoberta do pensamento, mas a diferença concreta entre dois verbos, ao mesmo tempo tão próximos e tão distantes.

Depois de um abraço prolongado, mais beijos e risadas, mãe e filho se deram as mãos, caminharam um passo até a sacada e puseram-se a contemplar a larga mancha vermelho-alaranjada que o sol despejava sobre a cidade com suas casas de muitas cores, prestes a adormecer.

Domingo cedo, saíram todos para a missa: Magdalena, Fernando Antônio, a avó Dionísia, o tio Cunha e a tia Maria, mais a criada Joana (Emília ficara em casa, para cuidar do bebê). Era a primeira vez que o faziam sem a companhia de Joaquim, ainda recolhido à clínica. Magdalena tentou imaginar qual seria a reação do filho e preparou-se para lhe explicar que as notícias não eram boas, o pai custava a apresentar melhoras. Mas o menino não disse palavra. Assistiu aos ofícios muito comportadamente, como de hábito, e só por um instante, entre o Agnus Dei e a Communio, levou as mãos em concha ao ouvido da mãe e anunciou que tinha um assunto a tratar, quando voltassem à casa.

De regresso, enquanto galgavam os muitos degraus que levavam ao quarto andar, já puderam ouvir o choro cada vez mais nítido e insistente de Jorge. Fernando retirou-se para o seu canto, Joana foi cuidar das últimas providências para o almoço, o tio e a tia ficaram por ali. Durante boa parte do dia, Magdalena só teve atenção para o bebê. Mais tarde, lembrou-se. (Jorge, finalmente, dormia; a casa repousava em sossego.) Chamou Fernando para perto de si, na sala:

– Então, meu rico, qual era o assunto que tinhas a tratar?

Fernando retomou a conversação, como se tivessem acabado de chegar da missa:

– É que estive a pensar e decidi que não quero mais... não quero mais que me chamem “Nando”.

– Ah, não? E como preferes que te chamem?

– Fernando, Fer-nan-do, que este é que é o meu nome verdadeiro.

– Sim, sim, está bem. Mas que tens contra o “Nando”?

– É que “Nando” não quer dizer o nome como me chamo. “Nando” quer mas é dizer que não ando, que não ando! E isto não é a verdade. Queres ver?

Saltou da cadeira e passou a caminhar em círculos pela sala, ora fingindo que mancava, ora acelerando ou retardando o passo, com jeito cômico, expressão de braveza e indignação, repetindo, ritmadamente: “Ando, ando! Nada de Nando...”. E encerrou o número conforme a mãe lhe ensinara ser o hábito de atores e atrizes: perna esquerda estendida à frente, uma larga e lenta flexão do tronco, os braços bem abertos – para receber os entusiasmados aplausos de Magdalena, cujas palmas, misturadas ao riso, tornaram quase inaudível o comentário:

– Andas, sim, meu rico, e como andas! Tens razão, nada de “Nando”. Tens razão...

Serenado o acesso, Fernando sentou-se ao chão, pernas cruzadas, e sorriu feliz, enquanto a mãe lhe explicava a razão e o significado do nome todo. “*Fernando* porque é um belo e sonoro nome, nome de reis, príncipes e heróis; *Antônio* porque nasceste num dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, o padroeiro de Lisboa; *Nogueira* porque é o nome da família da tua mãe, gente das ilhas dos Açores, dedicada, há gerações, ao estudo, à arte, às ciências. Na verdade”, Magdalena ergueu uma sobrancelha e sorriu, “o nome todo da minha família é Pinheiro Nogueira, mas como é muita árvore junta, ficaste só com o Nogueira”, e fez uma pausa, atenta à reação do filho, que, embora mostrasse ter entendido, não deu maior importância ao jogo de palavras:

– Sim, sim, percebo. Mas continua. E o resto?

– Bem, o resto é o *Pessoa*, o nome da família do papá, que não é das ilhas, mas cá da terra, gente sensível, funcionários graduados... A propósito, a família do teu pai também se chama *Seabra*, mas julgou-se melhor não te encompridar demais o nome, que ficou Fernando Antônio Nogueira Pessoa. Já imaginaste que espichado seria Fernando Antônio Pinheiro Nogueira de Seabra Pessoa?

Outra vez, Fernando não se deteve na brincadeira da mãe. Tinha outra ideia em mente. Para surpresa de Magdalena, seu comentário, muito sério, foi imediato, como se ele o tivesse elaborado todo enquanto ouvia:

– “Fernando”, entendo, é o rei ou o príncipe; “Antônio”, sim, é o santo; “Nogueira” também, corno disseste, é uma das árvores. Só o que não entendo é o “Pessoa”...

– ?...

– Quer dizer, uma pessoa, como eu, como o papá ou como a avó Dionísia, que leva “Pessoa” ao nome, é mais ou é menos *pessoa*, que outra pessoa qualquer?

Magdalena não soube se devia rir ou ensaiar uma explicação. Enquanto hesitava, os olhos bem abertos, Fernando prosseguiu:

– Então meu nome quer dizer que serei um rei ou príncipe, um santo, uma gente de estudos que gosta de árvores e um funcionário sensível que é duas vezes pessoa?

Só então Magdalena percebeu que era caso para rir, para rir e aplaudir, e seguir alimentando o orgulho que tinha do filho precoce, que desde cedo mostrara extraordinária habilidade para lidar com as palavras. Chamou-o para um abraço e disse-lhe, séria:

– O que serás, não sei. Pode ser que príncipe ou santo, amante das árvores, do estudo ou do que quiseres. O que sei é que és uma pessoinha encantadora, muito, muito querida.

E estreitou-o junto ao peito. Ficaram assim, em silêncio, por algum tempo, até que o menino se desvencilhou dos braços da mãe e pediu:

– Mamã, vamos jogar aos cubos?

No aniversário dos três anos de Fernando Antônio, o tio Cunha aparecera, como sempre alegre e espalhafatoso, com um enorme pacote, maior que o menino, anunciando que era

um espetáculo, a última novidade em matéria de brinquedo educativo, fabricado na Alemanha. Adquirira-o em Londres, um mês antes do aniversário, e ardera de ansiedade até que o dia 13 de junho chegasse.

Todos se alvoroçaram em redor do anglo-germânico monumento, amarrado com largas fitas vermelhas, logo posto ao chão, à frente do aniversariante. Foi preciso que os mais velhos o ajudassem a desvencilhar-se das fitas e a rasgar o papel pardo. O esforço valeu. Enterneceu a todos o deslumbramento da criança, quando, ao levantar a tampa de cartão reforçado, deparou-se com dezenas de blocos de madeira, multicoloridos, com letras, números e bichos artisticamente desenhados, em todas as faces.

Tudo o que Magdalena havia preparado para a festa foi adiado ou ficou esquecido, incluindo o magnífico bolo, como sempre de nozes, confeccionado com o carinho habitual, por Joana e Emília. Ninguém teve olhos ou dedos para outra coisa que não os esplêndidos cubos de madeira do tio Cunha – o assunto da casa, e obsessão do pequeno Nando, por muito tempo.

Na noite do aniversário, quando os convidados já haviam partido, Joaquim, a sós com a mulher, não se conteve:

– Que disparate! Onde o Cunha tem a cabeça?! Um brinquedo desses, com certeza caríssimo, nas mãos de uma criança que mal saiu dos cueiros... Um desperdício! Um despropósito!

– Ó Joaquim, deixa estar! – Magdalena contemporizou. – Não é caso para tanto. Não viste como o miúdo ficou encantado com o presente?

– Sim, sim, lá isso ficou! Mas, ó mulher, aquilo são letras e números! Que proveito há de tirar o Nando daquilo tudo, a não ser espalhar cubos pela casa?

– Não sejas tão implicante, homem de Deus! Que mal te fez o Cunha? De mais a mais, se o Nando não reconhece letras

e números, reconhecerá uns bichos e aprenderá a conhecer outros. E sempre pode distrair-se com as cores, tão lindas!

– Não sei, não sei... A mim dá-me a impressão que o Cunha pensou mais em si que no miúdo... Não sei...

Aos poucos, a intransigência de Joaquim foi sendo minada pela placidez com que Magdalena encarou o inesperado brinquedo. Quase chegou a perdoar o cunhado quando a mulher prometeu que estaria ao lado do filho, toda vez que este se dispusesse a brincar com os blocos de madeira – a “jogar aos cubos”, como logo se acostumou a dizer.

A partir de então, mãe e filho passaram a despender horas seguidas, um na companhia do outro, dia sim, dia não, entretidos com os cubos do tio Cunha. De início, Fernando fixou a atenção nos animais, quis saber os nomes de todos, encantou-se especialmente com a águia, o urso e o rinoceronte. Arrumava no chão o seu colorido zoológico, ora formando um quadrado, ora um círculo, ora empilhando os blocos, até que tudo desabasse.

Aos poucos, Magdalena foi atraindo a atenção de Fernando também para as letras e os números. Quantos cavalos são? Seis? Qual é a pedra com este número? Com que letras se escreve “cavalo”? Com inesgotável paciência, impregnada de prazer genuíno, Magdalena foi conduzindo o filho a armar, no chão, os nomes dos animais, os nomes de quase tudo em redor.

Impressionava-a a facilidade com que o menino assimilava as “lições”, aparentemente sem esforço, por vezes antecipando-se a explicações que a mãe relutava em oferecer, por julgá-las demasiado complexas.

Pouco mais de um ano depois, já ninguém se espantava. Quem quer que frequentasse aquele quarto andar do largo de São Carlos sabia que os Nogueira Pessoa tinham ali um menino-prodígio, que aos quatro anos já lia e escrevia, embora preferisse, aos convencionais papel e lápis, os seus atraentes cubos de madeira.

Perto dos cinco anos, os cubos passaram a alternar com livros, folhetos, cartazes. Tudo quanto era impresso ganhava de imediato o interesse de Fernando, que insistentemente recorria à mãe para ajudá-lo a decifrar a escrita ou a transformar em traçado no papel os muitos nomes que conhecia. Os cubos, às vezes, ficavam esquecidos, por semanas.

Naquela tarde de domingo, Magdalena surpreendeu-se com o pedido do filho, que quis “jogar aos cubos”. Foi logo buscar a caixa:

– Então, que palavras formamos hoje?

– Nã-nã! Hoje não formamos palavras. Hoje construímos uma pirâmide.

Magdalena lembrou-se da imponente gravura da pirâmide de Quéops, estampada no último número de *La Vie Contemporaine*, Fernando ficara um longo tempo a admirar a imagem, enquanto ouvia as histórias de faraós, sacerdotes, arquitetos, múmias e escravos, que a mãe lhe contava.

O menino começou por armar um grande quadrado; depois, em cima, outro menor, depois outro, mas parou a meio do caminho: não havia cubos suficientes para chegar ao topo. Recomeçou, diminuindo o tamanho do quadrado-base. Na terceira tentativa conseguiu, mas decepcionou-se com a pirâmidezinha modesta, de poucos degraus.

Magdalena, ajoelhada ao lado do filho, apenas observava. Este, depois de algum tempo a interrogar as pedras soltas da pirâmide por construir, exclamou:

– Já sei, já sei! Mamã, empresta-me uma das tuas revistas?

Fernando não precisou de muitos cubos para armar, sobre o tapete, apenas a moldura não de um quadrado, mas de um retângulo, pouco maior que a revista, deixando dois blocos no meio da figura, para a sustentação. Pousou em cima a revista, sobre a qual montou outra moldura, pouco menor

que a primeira. E hesitou, à procura de outra revista, de tamanho adequado.

– Queres ajuda? – perguntou Magdalena.

O menino fez que sim.

Ela foi ao quarto de costura e voltou com umas folhas grandes, de cartão reforçado, e uma tesoura. Mãe e filho esqueceram as revistas e recomeçaram, agora com um verdadeiro quadrado-base. Pacientemente, Magdalena ia recortando os quadriláteros, no tamanho exato determinado pelo pequeno arquiteto. O último degrau – o cubo isolado no topo da pirâmide – não precisou de cartolina recortada, apoiando-se nas quatro peças já ali arranjadas. No ápice, olhando para o teto, uma águia dourada, em fundo vermelho.

Mãe e filho bateram palmas e cumprimentaram-se pelo bom êxito da empresa. Magdalena não economizou elogios ao engenheiro de Nando.

– Mas, ó mamã, sem tua ajuda...

– Vá lá... Mas a ideia foi toda tua.

– Está bem. Mas é uma pirâmide muito oca, não achas? Toda cheia de ares.

– É, é verdade... – Magdalena repetiu a expressão fingidamente séria do filho. – Mas que mal há nisso?

– Não sei... Se calhar, nenhum.

Depois de breve pausa, dois dedos meditativos, entre o queixo e a bochecha, o menino sugeriu:

– Quem sabe é uma pirâmide com espaços para muitas múmias...

Magdalena aprovou, com entusiasmo. Ergueu-se, deu uns passos em redor da obra, e ficou perplexa quando, tendo chegado ao lado onde o filho estivera o tempo todo, distinguiu, na vertical, do topo à base, pedra por pedra, o nome “Fernando”.

* * *

As pessoas acomodadas no silêncio da sala tiveram um sobressalto com os repentinos gritos roucos e os passos pesados que pareciam vir do corredor, ou do quarto ao fundo. “E a avó, é a avó!”, disse logo o tio Cunha. “Os sedativos não surtiram efeito.” Magdalena e o cunhado saltaram para o corredor, a tempo de ver a figura desgrenhada da avó Dionísia, aos berros, entrando no quarto onde Fernando dormia. Enquanto corria na sua direção, Magdalena implorou:

– Ajuda-me, Cunha, que ela vai amedrontar o meu Nando!

À entrada do quarto, a cena paralisou a ambos: a avó, de pé, o neto grudado ao peito, o braço esquerdo em volta do pescoço do pequeno, como se fosse estrangulá-lo. Os olhos muito abertos giravam, uma baba escura escorria de um canto da boca, enquanto a velha ora balbuciava, ora gritava:

– É o meu Joaquim! Só meu! O meu Joaquim! Estavas só a dormir um bocado, não é, meu lindo?... Joaquim! Joaquim! Oh!

Num gesto brusco, a mulher ergueu o menino, os braços estendidos para o alto, e sacudiu-o com aflição. Depois, encarando-o fixamente, soltou um uivo agoniado:

– Jequiiiiim!

Em seguida largou o neto e desfaleceu. Magdalena deu um salto, a tempo de tomar o filho nos braços. Tio Cunha amparou a avó Dionísia; Emília, já a postos, ajudou-o a carregá-la de volta aos seus aposentos. Magdalena quase sufocou Fernando, com seu prolongado abraço, sem palavras.

Depois do que lhe pareceu ser uma eternidade, afastou um pouco o rosto e olhou para o filho. Só então se deu conta. Ao longo de todo o episódio, Fernando não dissera palavra, não gritara nem chorara. O olhar, agora, fixo nos olhos da mãe, é de espanto e terror. Magdalena torna a juntá-lo ao peito e, com redobrada ternura, afaga-lhe os cabelos e a nuca, beija-o

muitas vezes. Depois, torna a afastar o rosto. No olhar do menino o espanto se foi. Ficou o terror, nos olhos muito abertos e nos lábios contraídos – na expressão em que Magdalena enxerga, quase chega a ouvir, a pergunta inarticulada, “Por que, mamã? Por quê?”.

A doença? A morte?

Semanas antes, Magdalena dera ao pequeno Fernando Antônio a explicação de que foi capaz e a notícia da morte do pai não pareceu ter provocado, nele, transtorno maior. Não só ela mas todos acharam que o menino havia reagido bem, com certa resignação, até. No velório, esteve ali por um bom tempo, sério e compenetrado, de mãos dadas com a mãe. Foi poupado do enterro, ficou em casa com uma das criadas e não presenciou a cena grotesca proporcionada pela avó. A morte, enfim, essa morte em particular, tal como tinha ocorrido, pensou Magdalena, é algo que se pode explicar, de modo que uma criança entenda. Já a loucura da avó...

A loucura da avó Dionísia estava além dos argumentos, e do entendimento, de Magdalena. Desde pequeno, Fernando tremia de pavor à aparição da avó, que o encarava com olhos enormes, às vezes ria seu riso de poucos dentes e nenhum propósito, às vezes gritava, outras punha-se a dizer frases sem nexo e exigia, por força, que o neto lhe respondesse. À notícia da morte de Joaquim, Dionísia primeiro pareceu não ouvir ou não entender, seguiu com seus hábitos recentes, como se nada tivesse acontecido. Depois passou a ter ataques cada vez mais intensos, como o dessa brusca invasão ao quarto onde foi buscar, no neto que dormia, o filho que a morte levava.

Como explicar ao menino que a avó perdera o juízo? E que, quando perdem o juízo, as pessoas podem estar, num momento, tranquilamente a regar suas plantas, como a avó Dionísia, e no instante seguinte se põem a berrar e a espernear,

a arrancar as próprias roupas e a esmurrar as paredes? Como explicar ao filho a loucura da avó? Como aplacar ou amenizar o terror que ele sentia?

Angustiado com sua impotência diante do sofrimento que as circunstâncias impunham ao filho tão pequeno, Magdalena resignou-se a fazer o que fazia melhor: beijou-o e abraçou-o, forte, na esperança de que seu peito, seus braços quentes e a proximidade de sua pele macia fossem capazes de afugentar o terror.

Um instante depois, rosto contra rosto, mãe e filho entreviram, em si e no outro, uma lágrima, uma só. A mesma lágrima? Olhos nos olhos, filho e mãe esboçaram, os dois, o mesmo tímido sorriso de compreensão e ternura.

Pequena casa de subúrbio



Avoz no altofalante anunciou: “Passageiros do voo 256 da South African Airlines com destino a Dacar, embarque imediato! Portão número dois. Boa viagem!”.

– Senhor engenheiro, não se esqueça da bagagem de mão – lembrou o motorista que o acompanhara.

Murilo Mendonça pôs-se a caminho.

O sol agigantado na linha do horizonte espalhava placas de aço fumegante à sua frente. “Senhor engenheiro...”, ele repetiu, para si mesmo, distraído, com voz de falsete. Durante a longa estada na África do Sul, não ouviu uma só vez seu nome nem o apelido, Linho, que é como gostava de ser chamado, na intimidade.

Já no alto da escadinha, balançou a cabeça, para espantar a lembrança indesejada, e ingressou na cabine. Ajeitou a peque-

na valise no compartimento superior e acomodou-se na poltrona 23c, corredor. Obediente, afivelou o cinto de segurança. Leu desatento, ou repetiu de memória, a placa desbotada que parecia flutuar diante de seu nariz: *Fasten your seat belts, Life vest under your seat.*

Enquanto a aeronave alcançava a cabeceira da pista, contemplou sem interesse a chuva fina que caía sobre Johannesburg. Em seguida, concentrou-se em seus devaneios e, como de hábito, começou a ordená-los em escala crescente, de menos fantasia a mais fantasia. Depois inverteria o percurso, e assim sucessivamente.

Era a estratégia a que recorria, sempre que enfrentava uma longa viagem. Com duas escalas, Brazzaville e Lagos, chegaria a Dacar, se não houvesse imprevistos, em dezoito horas. Por isso prefere o corredor. A cada etapa da ordenação dos devaneios, levanta-se, dá uns passos e retorna, sem incomodar a ninguém, sem ser incomodado. De Dacar, o voo 118 da Lufthansa o levaria a Paris, de onde a volta à casa (verificou-o no segundo bilhete: Paris-Rio de Janeiro-Belo Horizonte) seria um rápido passeio.

A trinta mil pés de altitude, os devaneios correm mais soltos. Pediu o segundo martini duplo, *extra dry*, e antes de terminá-lo adormeceu. Acordou com o ruído e o sacolejar característicos do trem de pouso, atingindo o solo, ampliados pela agitação aflita dos passageiros, indiferentes à voz que pedia: “Queiram permanecer em seus lugares até o completo estacionamento da aeronave”. Não sentiu curiosidade em espiar pela janela o aeroporto de Brazzaville. “Aeroportos são todos iguais”, pensou, “e ainda tenho mais um como este, antes de Dacar.” Depois de observar que apenas meia dúzia de passageiros tinham permanecido a bordo, voltou a adormecer.

Despertou com a voz da aeromoça a lhe oferecer o jantar. Recusou, preferiu outro martini duplo.

A poltrona à esquerda, vazia. À janela, ainda à esquerda, um negro em trajes ocidentais dormia. (Após duas tentativas, a aeromoça desistiu de acordá-lo.) À direita, uma família inteira de brancos pálidos, pele transparente, ocupava as poltronas entre os corredores. As crianças comiam com alvoroço, a mãe resmungava, o pai regurgitava. O engenheiro notou que havia poucos lugares vagos na cabine.

Seu devaneio mostrava uma avantajada aeronave estacionada num aeroporto qualquer. No solo, ao mesmo tempo que crescia a extensa fila dos passageiros que desembarcavam pela porta da frente, outra, igualmente extensa, movia-se em direção à porta traseira: as pessoas galgavam a escada e embarcavam. Fluxo e refluxo. Comer e descomer.

No acanhado saguão do aeroporto, enquanto o movimento prosseguia, silencioso e uniforme, o fim de uma fila confundia-se com o começo da outra. No interior da nave, os passageiros se acotovelavam, em número bem superior ao dos assentos, e seguiam em marcha. Ninguém sabia ao certo em que fila estava. Centenas de Jonas no ventre da baleia. Ouvia-se o zumbido frio das turbinas, circulando livre pelos quase trezentos lugares vazios. *Da capo, sine fine.*

O engenheiro voltou a adormecer.

Despertou-o o toque um pouco rude do comissário de bordo, em seu ombro direito:

– Senhor, chegamos! Final da escala, todos os passageiros já desceram.

– Já? Dacar? Não notei que tivéssemos parado em Lagos.

– Lagos? Dacar? Acabamos de pousar em Dar-es-Salaam!

A voz era sóbria e firme. Numa rápida ponderação, como era de seu feitio em tais circunstâncias, Murilo Mendonça logo se deu conta de que não teria argumentos para pôr em dúvida a informação do comissário. A mão pesada apanhou-o pelo

braço e ajudou-o a encontrar a porta de saída. Obedeceu, certo de que teria havido algum lamentável engano, a ser esclarecido, sem dificuldade, no balcão da companhia.

No modesto aeroporto da capital da Tanzânia, não encontrou o familiar logotipo da South African. Depois de solicitar explicações a diversas pessoas, às quais mostrava o bilhete Johannesburg–Brazzaville–Lagos–Dacar–Paris, não encontrou quem fosse capaz de esclarecer como ele tinha ido parar em Dar-es-Salaam. Acabou desistindo.

Aceitou a oferta da East African Airway: trocar o bilhete por outro, que lhe permitiria embarcar imediatamente no voo 503, com destino a Kinshasa, de onde tomaria o voo 112, da Air Zaïrian, direto para Dacar.

Acomodou-se na poltrona 18b, único assento vago, entre a janela e o corredor, sobre a asa, e soltou um suspiro. Observou as gotas de suor que escorriam pelo rosto do passageiro à direita, e adormeceu. O cansaço foi mais forte que a vontade do devaneio e o desejo de outro martini.

Acordou sobressaltado. Tinha sonhado que o avião levantara voo no instante em que ele ia adentrar a cabine. Seu corpo cortava as nuvens, agarrado à escadinha, do alto da qual uma aeromoça negra, belíssima, largo sorriso, echarpe esvoaçante, acenava.

A cena logo emendou-se em outra, que começava a se desenhar: ele jazia sentado na sala de espera, aguardando há dias, semanas, a chamada para o embarque. Tinha criado raízes. A perna esquerda era um tronco nodoso, fincado no chão de linóleo esgarçado.

Logo depois de desembarcar, ele explicou, com bons modos, mas com firmeza, que iniciara viagem na África do Sul, percorrera boa parte do sudoeste do continente e tinha vindo parar no nordeste, próximo do Egito e do mar Vermelho.

Acrescentou que seu destino era Dacar, ao norte, aliás mera escala para Paris. Apesar da folga dos horários, já não alcançaria a derradeira conexão, na capital da França.

Mostrou o bilhete ao funcionário da Sudanian Airlines, que o trocou por outro, Cartun–Lagos–Dacar, sendo que o último trecho devia ser confirmado, em Lagos. “Não mantemos contato com Dacar”, explicou o atendente. “Sentimos pelo transtorno, de que aliás não temos culpa. Mas nosso propósito é fazer sempre o possível, e um pouco mais, para atender satisfatoriamente a nossos passageiros. Uma boa viagem é o que lhe desejamos.”

O engenheiro agradeceu e despediu-se.

Novamente a bordo, *Fasten your seat belts, Life vest under your seat, Don't smoke*, tirou os sapatos e acomodou-os debaixo do assento dianteiro. Começou a contar as cabeças, os tampões de cabeça, que avistava à sua frente. Oitenta. Admitiu que pelo menos trinta por cento dos encostos nus (dezoito) encobriam passageiros de baixa estatura, ou crianças. Total, noventa e oito. “An educated guess”, sorriu, “como diriam meus amigos em Johannesburg”.

Ciente de que não lhe traria prazer especial virar-se e contar os passageiros atrás de si, afundou-se mais na poltrona.

Pela primeira vez, desde que deixara Johannesburg, seu pensamento voltou-se para a família, que o aguardava em Montes Claros. Viu a travessa e adorável Maíra, o pequeno Tiago e a esposa, Taís, com seus olhos amendoados e sempre doces. Sorriu, entretido. Isso lhe tomou algum tempo, até perceber que os grunhidos do passageiro no banco atrás do seu dirigiam-se a ele. O homem pedia-lhe que colocasse o encosto na posição vertical. Vertical, horizontal. A associação, demasiado lógica, deixou-o ligeiramente contrariado. Mas prosseguiu. “Sugere uma cruz.” Viu o sinal em forma de cruz, entalhado na enorme pedra, logo à entrada da vila em que morava.

Quando se encontra em Montes Claros – o que tem sido raro, nos últimos tempos – ele de fato contempla todos os dias a pedra com sua cruz, entre curioso e feliz por sabê-la sempre ali, a poucos metros da casa onde os pequenos se divertem, e que a doce Taís mantém imaculadamente asseada.

Antes de pedir outro martini, decidiu comer alguma coisa. Já não se lembrava de quando havia feito a última refeição, certamente em Johannesburg. Comeu, sentiu-se mais confortado. Só o incomodava um pouco a roupa amarfanhada, a camisa úmida de suor, começando a grudar no corpo. Antes de pegar no sono, viu um bando de meninas que saltavam em algazarra sobre os encostos reclinados. Uma delas aproximou-se e mostrou, sorrindo, o cartaz que dizia: “Dacar, Dacar”.

– Senhor, acorde! Hora de descer. Estamos em Rabat.

– Rabat? Marrocos?

– A Royal Air Maroc agradece a sua preferência e lhe deseja uma boa estada em nosso país. Nossos funcionários em terra estão prontos a servi-lo.

O engenheiro Murilo logo deduziu que seria desnecessário tentar explicar o que fosse. Calçou os sapatos, que pareciam ter diminuído de tamanho, apanhou a valise e desceu.

Aguardou a chegada de um intérprete que estabelecesse alguma comunicação com o agente da Royal Maroc, que só falava uma mistura de espanhol e francês, com entonação árabe. Expôs seu caso o melhor que pôde e conseguiu trocar o bilhete. O que estava em seu poder foi substituído por outro, que dizia: Rabat–Roma–Paris. “É o melhor que podemos fazer”, traduziu o intérprete. “Estamos momentaneamente de relações estremecidas com a Espanha, por isso não podemos oferecer-lhe o trajeto mais confortável, via Madrid. Esperamos que essa passagem pela Cidade Eterna seja do seu agrado.”

Como seu voo com destino a Roma só sairia dali a três horas, Murilo Mendonça julgou que seria uma boa ideia repou-

sar um pouco na confortável sala de espera do aeroporto de Rabat. Instalado num banco espaçoso, sobraçou a valise e percebeu que, depois de estar viajando há tanto tempo, o zumbido das turbinas não ecoa apenas nos ouvidos, mas reboia no corpo todo, bombeado pelo coração. O melhor que se tem a fazer é aceitá-lo, como se fosse uma *berceuse*.

Teve não propriamente um sono, mas um cochilo leve e tranquilo, embalado pelas turbinas e pelos anúncios do altofalante. Um deles chamou-o para o embarque.

A bordo, o primeiro martini duplo logo levou-o de volta à *berceuse* da sala de espera. Tornou a cochilar. Viu-se em meio a uma caravana, no deserto, embalando ao colo um filhote de leopardo, que ganhou asas e alçou voo. Depois, um homem alto e seco devolveu-lhe os documentos, que ele recolheu na valise, e alertou-o para a dificuldade que teria em atravessar o Mediterrâneo, se não seguisse o rasto das estrelas. O engenheiro sorriu ao dar-se conta de que o barco à deriva, no meio do temporal, era a banalidade da azeitona agitando-se no fundo da taça de martini. Voltou a rressonar.

Acordou já no aeroporto, quando o funcionário da British Airlines veio avisá-lo de que estava sendo chamado para o embarque. Seu voo para Frankfurt partiria em dez minutos. “Frankfurt? Deveria ser Roma... Em todo caso, estarei mais perto de Paris.” E caminhou para bordo da aeronave.

Apesar de ter dormido um bom pedaço, o sono ainda era intenso. Na verdade, não era mais questão de dormir. O cansaço acumulado minava-lhe a resistência, a despeito de seu bom preparo físico. Já desde Dar-es-Salaam, ou Cartun – não se lembrava bem –, tinha desistido, por exemplo, da ordenação dos devaneios, que deixaram de ser crescentes ou decrescentes. As imagens agora chegavam embaralhadas, na ordem ou desordem determinada por elas próprias.

Tentou concentrar-se na sensação de cansaço, transformando-a numa espécie de redoma, que cresceu e se alongou, até atingir o tamanho de um DC-10, reluzente e vitorioso, acima das nuvens, entre Londres e Frankfurt.

O novo martini desceu mais suave.

Viu-se no interior de um aquário, ao lado de peixes coloridos que expeliam bolhas de ar e sorriam, com o olhar doce e amendoado de Taís. A caminho de Frankfurt, seu coração trazia o rasto de Johannesburg e Brazzaville, Kinshasa e Dar-es-Salaam, Lagos, Rabat, Londres (por Dacar não tinha lembrança de ter passado) e muitos outros lugares. No centro dessa constelação irisada, brilhava a pequena casa de subúrbio, em Montes Claros, em cujo quintal Tiago e Maíra brincavam.

Ocorreu-lhe então a hipótese de ter havido algum mal-entendido, em Kinshasa, ou mesmo em Johannesburg, e pensou em voltar. Imaginou começar tudo de novo, mas logo desistiu da ideia. Achou que seria inútil. Tudo quanto acontece, acontece pela primeira vez. Nada se repete. Quem sabe, suspirou, o caminho para Montes Claros é mais longo do que ele supunha.

Nesse instante, flutuou à deriva, no aquário em redor, e tornou a adormecer.

Despertou-o a voz distante da comissária de bordo, a avisar que já tinham pousado e era preciso desembarcar.

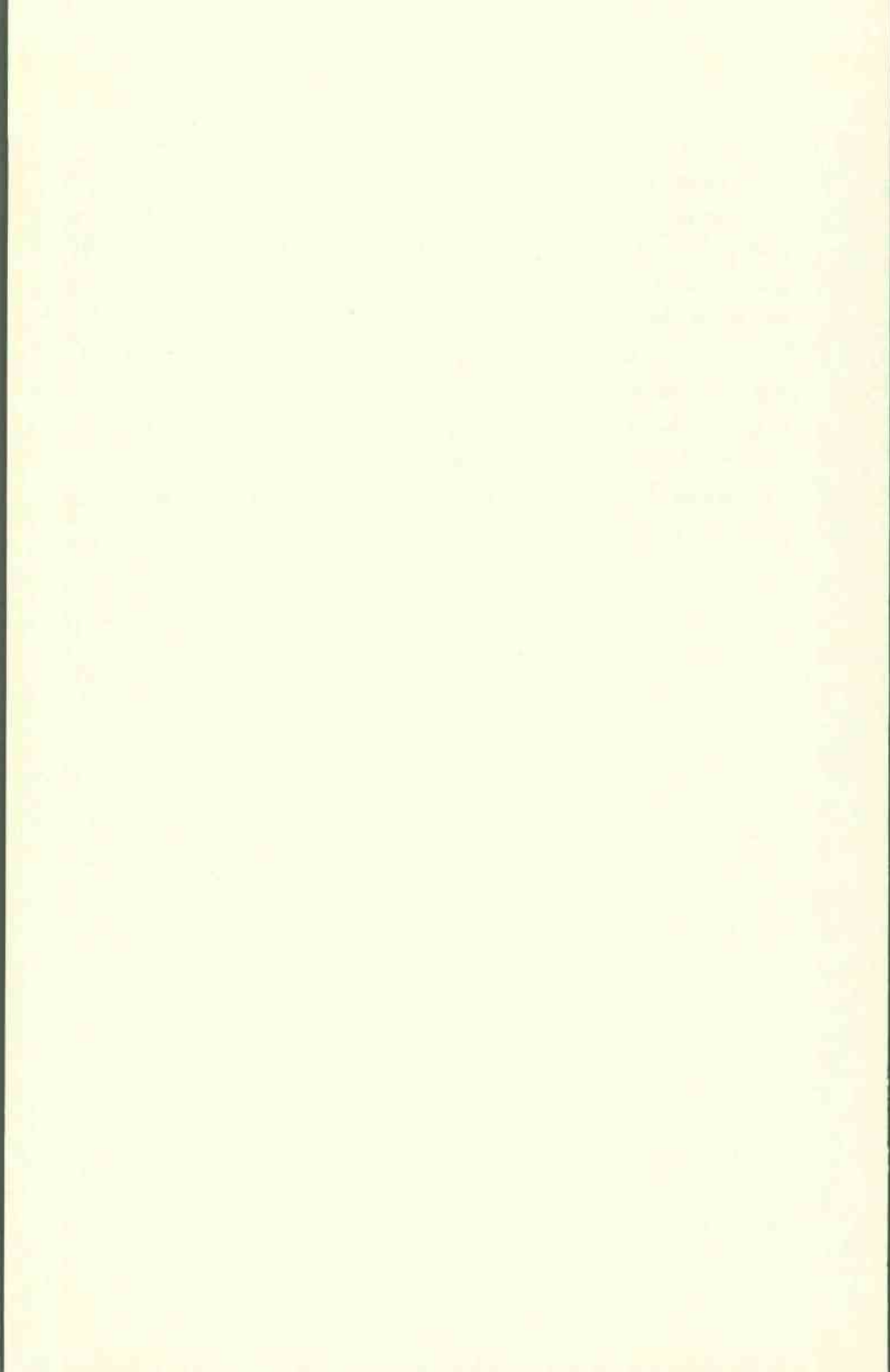
– Onde estamos?

Antes da resposta, o engenheiro soube que não seria o pouso desejado, não ainda desta vez. Ergueu-se e só então reparou que o rosto da comissária não tinha feições, era uma superfície lisa, que o fitava, sem olhos. Caminhou pelo corredor, espiou o compartimento da primeira classe e pôde verificar como era espaçoso e confortável. Despediu-se do comandante e dos outros membros da tripulação, ali perfilados, afáveis. Desceu a

escada e seguiu na direção da placa que dizia: “Oslo International Airport/International Arrival”.

Procurou o balcão da Scandinavian e mostrou o bilhete, cujo roteiro seria ocioso tentar explicar ou compreender. Aguardou que o trocassem por outro, já sem curiosidade pelas escadas do próximo voo.

Optou, estrategicamente, por omitir o nome de destino toda vez que se aproximasse de um balcão de embarque, mas logo percebeu que isso talvez não fosse suficiente. Era necessário bani-lo inteiramente da memória. Quem sabe, seria a única maneira de chegar à pequena casa de subúrbio, onde Taís, Maíra e Tiago o aguardavam.



Histórias mutiladas



1

Ao amável leitor, que deveras amável seja, como o espero, talvez lhe ocorra indagar por que se intitulam (ou, antes, por que vieram a intitular-se) “mutiladas” as minhas histórias, e imperdoável desfeita seria sonegar-lhe a explicação. O caso é breve, embora suas implicações cubram o curso de toda uma vida.

Começo por vos afiançar que minhas histórias retratam somente a verdade, nada mais que a verdade, a minha sumida verdade. E a verdade nunca é desprezível.

A bem dela própria, a verdade, confesso que essa última frase não me pertence. Proferiu-a certo cavalheiro que nos visitou tempos atrás, para nos trazer conforto e solidariedade. Passou conosco uma tarde de domingo, tratou-nos com fraterna

cortesia, sem falsa piedade, e só com esta pobre criatura que vos fala, sensível leitor, demorou-se mais de uma hora. Referi-lhe, sem entusiasmo, as minhas despiciendas histórias e ele então cunhou a frase, não sem antes insistir em que gostaria de lê-las. Passei-lhe a cópia carbono, o maço de folhas já de si desbotadas, que tinha vindo a recolher ao longo dos anos, e autorizei-o a fazer delas o que melhor lhe aprouvesse. O referido senhor juntou o calhamaço contra o peito, lançou-me um olhar ciosamente cúmplice e partiu.

De volta ao quarto, pensei em abrir a pasta dos originais, há tanto tempo cerrada, e saborear outra vez as historietas, agora para imaginar como diante delas reagiria o olhar atento, assim me pareceu, do cavalheiro cioso. Vasculhei o quarto todo, com perplexidade e pânico crescentes, até me dar conta de que a pasta simplesmente sumira. Algum criado a lançara ao lixo, talvez. Ou teria desaparecido em meio à balbúrdia da inspeção efetuada pelos homens vestidos de astronautas ou escafandristas, que aqui estiveram, em agosto, portando grandes tubos e esguichos. Meus enredos terão ido parar na estratosfera, pensei, ou no fundo do mar. Derrotado pelo cansaço, pela excitação e pela força persuasiva do desespero impotente, adormeci.

Na manhã seguinte, já envergonhado, concluí que, caso meus escritos se perdessem, isto é, caso o cavalheiro não mos devolvesse, tal fato não representaria, a rigor, perda alguma, sequer para mim. Eu simplesmente passaria, não outros trinta, mas os anos que me restassem, a tentar reconstituí-los. Melhor, a tentar reconstituir, prolongando-a tão indefinidamente quanto possível, a consolação que deles extraíra ao concebê-los. Mas tal não foi necessário. Para ser exato, não foi possível, como adiante esclareço.

No domingo que se seguiu, o mesmo cavalheiro retornou, sobraçando as minhas folhas. Lidas e relidas, como me garantiu

e provou. Disse não ser um crítico literário, faltando-lhe portanto autoridade para avaliar com proficiência os meus tentames. Redargui-lhe que autoridade e proficiência nem sempre andam juntas e que, justamente por isso, sua declaração era, para mim, um alívio. Meu visitante, e meu único leitor, até hoje, felizmente não se deu ares de crítico literário, mas era um homem culto e sensível, amante da verdade.

Por isso não me surpreendeu a acuidade de seus comentários, embora me surpreendesse a espécie de leitura que fez. O bom homem gastou comigo outra tarde, em que fomos repassando, história a história, todo o meu manuscrito. O que de surpresa houve é que ele limitou-se a fazer minuciosas observações sobre a linguagem e o estilo – logo a mim, que durante anos exerci a profissão de redator universal, em Macau, no Timor, em Moçambique, em Freixo-de-Espada-à-Cinta, em Évora, no Crato, em Passo Fundo, em Osasco e em muitos outros aprazíveis rincões deste mundo de Deus Nosso Senhor, cuidando de toda sorte de garatujas, da mais humilde correspondência de expatriados e degredados, às volumosas monografias com que, graças a mim, tantos semianalfabetos tornaram-se doutores e lentes catedráticos. Em matéria de estilo, portanto, eu me julgava um profissional meticoloso e infalível.

Qual não foi, pois, minha surpresa, quando o seletor cavaleiro pôs-se a folhear as minhas laudas, interpondo judiciosos reparos, não às ideias ou ao pensamento, não à gênese da fabulação ou a seus fundamentos ontofenomenológicos, mas... às palavras, as que eu havia escolhido e as que eu havia preterido. “Literatura”, ele esclareceu, “para mim, que não entendo de literatura, é só uma questão de palavras”.

Não sei de ninguém, vivo ou morto, que me pudesse ter sido tão útil. Afora isso, foi a primeira e única pessoa a mostrar-se tão atenta e permeável às miudezas que brotam, sem cessar, deste meu cérebro aturdido.

Mas nem tudo foram rosas em nosso colóquio. A certa altura, não pude conter o espanto: o volume de cerca de cento e cinquenta páginas, que eu lhe confiara, reduzira-se a menos de cem. “Amparado na autorização que me deu”, explicou, “cor-tei o que me pareceu dispensável”. Meus Deus! Assim sem mais nem menos, como se aparasse a unha do dedo mindinho...

O homem dera cabo de metade do que eu havia escrito! Se a proporção valer, quinze anos de esforço atirados fora, num piscar de olhos... “Comecei por eliminar”, prosseguiu ele, “todas as passagens sem as quais a história continuava inteligível, não obstante isso venha a exigir um pouco mais da percepção do leitor. Mas, se não depender de quem lê, de que dependerá a inteligibilidade?”

O argumento deixou-me paralisado. Antes que me fosse dado assimilá-lo ele prosseguiu: “Acrescentei uma ou outra palavra, apenas para interligar frases eventualmente afastadas pelo vazio de trechos ou páginas eliminados; aqui e ali, mudei a ordem dos vocábulos, alterei a flexão de um verbo, troquei um substantivo e um adjetivo por um único advérbio, adicionei uma palavrinha que veio iluminar um torneio obscuro, ou vice-versa. Nada que o senhor não pudesse ter feito sozinho, nada que já não estivesse latente em suas histórias; nada, enfim, que alterasse o seu teor próprio, que ficou ainda mais próprio, se assim me posso expressar”. Teor próprio, Deus do céu! O que quererá isso dizer? Mas antes que eu esboçasse qualquer reação, ele rematou: “Teor, aliás, que já considere magnífico antes de ler, quando o senhor teceu os primeiros comentários a respeito”.

No auge de meu aturdimento, ocorreu-me pedir-lhe que lesse em voz alta uma das histórias. Estupidez de minha parte, reconheço-o; minhas histórias não se fizeram para os ouvidos, tampouco para os olhos. Bem, nesta altura, já não sei para quê foram feitas, se é que um dia o tenha sabido. O fato é que estava

curioso por ver (para ser mais preciso: por ouvir) como soariam, depois de implacavelmente mutiladas. Ele atendeu-me.

Sua voz era esplêndida. Redonda e persuasiva, leve, levisssimamente anasalada, plena de sutilezas e vibrações. Admito que foi uma experiência inexcédível, lisonjeira. A história que o nobre visitante escolheu para declamar, já não me lembra qual, pareceu-me outra, embora não deixasse de ser a mesma.

Pedi-lhe que continuasse, e deixei embalar-me pelo inesperado vigor daquelas narrativas, irrecusavelmente minhas, posto que alheias. Concluí que nosso, nosso mesmo, é o que sobra do que sobeja. E o que era meu, naquelas histórias, sem dúvida sobejava. Em compensação, uma parte delas (a que sobejava ou a outra?) desaparecera para sempre...

O cavalheiro não sabia que tinha sido para sempre, é verdade, e a culpa foi minha, por não ter trancado a sete chaves os originais, e por conceder-lhe autorização para fazer o que bem entendesse da cópia carbono, que resultou em ser, afinal, cópia única. A íntegra dos meus originais, enfim, tinha deixado de existir e isso me apoquentou.

Não obstante mais uma vez envergonhado, refreei-me, contive o ímpeto e o orgulho e despedi-me, agradecido... para atravessar a noite, atônito, tentando recompor o que faltava, ali, entre as menos de cem páginas sobrantes.

Tentei, tentei incansavelmente, mas não fui capaz. Muitas das frases eliminadas, belas frases, voltavam-me de repente, intactas. Mas, uma vez trazidas ao papel, pareciam estranhas e alheias; várias delas, embora me custe admiti-lo, soavam francamente supérfluas. Escrevi e reescrevi, rabisquei e rasguei, noite afora, até me convencer, coberto de angústia, de que estava tudo irremediavelmente perdido. Bem, tudo não: restavam umas magras dezenas de páginas, repletas de rasuras, a que a serena fúria mutiladora do cavalheiro reduzira as minhas histórias.

Madrugada alta, assaltou-me a dúvida: serão de fato minhas, ainda, essas histórias?

Por Deus, sim! Com raras exceções, as palavras que aí estão são todas de minha lavra. Meu colaborador não fez senão cortar. Acrescentar não acrescentou praticamente nada. Tudo aí é meu, descarnado, reduzido a ossos nus, mas meu! No entanto, e isto me põe agoniado, se o mutilado é meu, se o que sobrou ileso também o é – a decisão e o ato de mutilar não o foram...

Percebeis, paciente leitor, a aflição que me acometeu? (Além disso, não me resta muito tempo. Devo ser rápido e andar logo com este, se calhar, inócuo esclarecimento.)

Ponderei: ou bem destruo este quase cento de páginas e esqueço que jamais existiram, atirando para o ralo trinta anos de duro labor, ou bem aceito-as como a versão definitiva, embora semivoluntária, das histórias que tanto me custou trazer ao papel.

O dia começa a raiar, igual a tantos outros. Mas para mim nada mais será igual.

Como por encanto, o cansaço e a aflição desapareceram. Sinal de que devo lançar-me ao trabalho de datilografar o que restou de meus escritos. Tarefa banal, não é mesmo? Qualquer pessoa poderia desincumbir-se dela com facilidade. Para mim, porém, antevejo que será um esforço de arrastar montanhas e mergulhar em abismos vertiginosos.

Só vos peço, estimado leitor (não vo-lo pedi antes em nome do decoro), que tenteis imaginar, na vossa leitura dos meus relatos, ou a voz redonda e quente com que o cavalheiro criterioso as leu para mim, naquela tarde de domingo, ou as belas, belíssimas frases, os parágrafos, as páginas inteiras, refulgentes de graça e preciosidades, que o mesmo cavalheiro houve por bem eliminar e que eu não fui capaz de devolver à vida.

Antes de entregar-me à tarefa, reli o que até aqui vai e já agora outra dúvida, quiçá mais cruel, me atordoia. Estas poucas

páginas, de mero esclarecimento, não deveriam ser submetidas, elas também, ao crivo mutilador do sentencioso cavalheiro? Não haverá, aí, algo que igualmente sobeje? É-me forçoso admitir que sim. Mas só ele, com seu tirocínio afiado, chegaria ao talhe justo. Eu não sou capaz. De minha parte, abro mão, desisto.

2

Ter conseguido datilografar a derradeira linha da derradeira história, amabilíssimo leitor, foi para mim um verdadeiro milagre. Quem sabe ainda sou capaz de registrar a sensação que foi-se avolumando em meu espírito, à medida que o fazia.

Devo confessar meu assombro, em meio a estes escombros. Que me pesam nos ombros. E acabaram-se, ao mesmo tempo, o estoque de rimas e o de esperança. Não sei o que isso quer dizer. Mas acaso soube alguma vez o que seja o que for quisesse dizer?

O que tenho a declarar é que, em várias passagens, tudo repentinamente me voltava, intacto, à memória, mas resisti. Fiz questão, sempre que a oportunidade se me ofereceu, de não repor uma só das milhares de palavras que o cavalheiro criterioso eliminara. Por que o fiz ou por que deixei de fazê-lo? O demônio talvez o saiba...

O que sobra do que sobeja... Agora vejo-o bem. Meus excessos ali estavam, nítidos, nas entrelinhas, nos vãos das folhas, a me encarar, esfíngicos, mas eu tive a coragem de os recusar. Em nome de quê? Se o soubesse... Pude ao menos verificar que preferir o acréscimo alheio – não foi o caso – teria sido fácilimo, mas endossar a ausência própria foi mais terrível que um congresso de mil demônios.

No que sobrou de minhas mutiladas histórias, o ausente sou eu, ausente ali, mas inteiro aqui, nesta explicação, e só agora me dou conta: precariamente inteiro, nesta voz que insiste em vos falar, bondoso leitor.

Há, com efeito, qualquer coisa de diabólico, algo entre a volúpia e o horror, na artimanha com que o cavalheiro anônimo me induziu a transformar-me em personagem de mim mesmo. Transportou-me de lá para cá, como se ajudasse um cego a atravessar a rua, e não sei se isso há de ser razão para odiá-lo ou venerá-lo. Talvez fosse o caso de agradecer-lho, mas nunca mais o vi, depois daquela tarde, sequer lhe sei o nome. Devo admitir que estou desconcertado. A mente clara, de que sempre me orgulhei, começa a turvar-se. Ressalvada a hipótese de que, desde sempre, já turvada fosse. Vá lá: estivesse... Um tudo-nada de autocomplacência não faz mal a ninguém.

Na verdade, careço desesperadamente de que me acudam, alguém que me diga quem está com a razão: o cavalheiro, ao cortar; eu, ao aceitar os cortes; ou eu, ainda, ao recusar-me a acolher de volta as partes mutiladas, quando estive ao alcance de meus dedos fazê-lo. Só o amigo leitor poderá valer-me.

Sinto, ademais, que já me falece o controle sobre estas coisas, se é que em algum momento o tive. Afinal, que diferença há entre exercer efetivamente o controle e apenas julgar que o exercemos? A verdade a ninguém pertence. Pode apenas roçar a algum de nós, quando nos elege – sempre ela a nós, não nós a ela – como seu portador ocasional.

Como agora sei que a verdade pode estar onde menos se espera, embora por vezes não deixe de estar, também, onde mais se espera, acrescento uma derradeira informação. Não sei a quê viria nem em quê poderia alterar o que seja, mas precisei interromper o trabalho, dia desses, para recolher na portaria um envelope ali deixado, ninguém soube dizer-me se naquele mesmo dia ou antes, pelo ilustrado cavalheiro, já nosso conhecido.

Era uma carta, um bilhete, em que ele se desculpava por haver tomado ao pé da letra a autorização, que eu lhe dera, de

fazer com minhas historietas o que bem lhe aprouvesse... Se calhar, e vem mesmo a calhar, não é a primeira vez que uso esse verbo, e tal não me apraz. Mas agora já é tarde, não é mesmo?

“Consola-me saber”, dizia o excelso energúmeno, “que é somente uma cópia, que o senhor poderá ignorar, apegando-se ao original intocado. Desculpe-me, outra vez, e seja muito feliz.” Convinde comigo, preclaro leitor: tivesse ele conhecimento dos fatos e o sarcasmo seria insuperável. Mas não é esse o ponto.

O ponto é que a carta vinha acompanhada de um pequeno bloco de apontamentos, que ele dizia ter tomado ao sabor da pena, à medida que lia meus racontos pela primeira vez. A letra era em muitos passos incompreensível e sua decifração exigiu de mim enorme esforço.

Tive vontade de raiv, rasg, cortar aqui e ali, e fui, mas acabei por salvar alguns excertos, a seguir resumidos, com as minhas palavras, na expectativa de que isso vos possa ser útil. Não que eu alimente a vã presunção de ajudar-vos a compreender minhas histórias – não creio que ofereçam elas qualquer dificuldade, não creio mesmo que haja aí o que compreender – mas queria ofertar-vos um singelo exemplo de como a atenção devida aos verdadeiros valores da vida pode representar uma fonte de insuperável consolo espiritual.

É esse, a meu ver, o sentido imediato das sibilinas observações do cavalheiro, embora outros sentidos me fujam. Se me fogem, aliás, como posso imaginar que existam? Bem, estou seguro, gentil leitor, de que sereis capaz de atinar com ele. E com eles.

Aí vão pois alguns desses tttt-t-c comentários do cavalheiro metuculoso, os que puderam escapar – agora sim – à minha humilde fúria mutiladora:

- *construtivo / elogio da disciplina e da perseverança*
- *válido para as novas gerações / dedicação altruística à ciência pura*

- *um dos valores supremos da vida / amor fraternal, filial etc.*
- *não estrum, digo estrend, digo não entendi / uma festa burguesa?*
- *positivo e edificante / síntese de todo o livro*
- *a passagem do tempo e o sacrificio [ilegível] / a nobre arte do bel canto*
- *por que tamanha má vontade com a Cidade-Luz?*
- *uma existência é suficiente para se ler (bem) um livro*
- *belo exemplo de civismo*
- *impróprio o título em idiot, em idioma estrangeiro / a modéstia é o melhor caminho para a transcendência*
- *quem é essa gente?*
- *a mãe é a rainha do lar, o esteio da família*
- *o sadio espírito de aventura e o prazer de viajar / conhecer novas terras e costumes*

Bem, aistá. Não sei mais o que dizer, embora também não saiba o que qqq calar. Fico indeciso entre julgar que tenha dito de mais ou de menos. Mas convicto ergo sum sou estou de que muito terá ficado por ñ dizer. O que sei, neste exato hesito instante, é que a exaustão me consome e não poderei evitar que tudo se precipice ou s precipatite.

Antes que antes quem antes vou colocando um ponto final nesta explicaçssonya, já demasiado extten6 h&graf

ei)

!—eum?

Espero queoamig perdoe sts lamentásvs incidentes. Devo-lhe outra explicaç e é precisserrápido, caso contrrrrr . O inevitável aconteceu——a falange do meu precioso anular es querdo

=

=

=foi-se aninhar em voorrasante entre aaas .

Agora sobramme seis dedds intacts a orelh direit e aí ai-ai
ainfortún um naco do n a r i z que neste exactinstat despenc
tamb em em v^o rasanttt sobrrestauquel págin . i n c
Temo perdddr a clarez-

Se aque m aqui os r façoõ tãõ sommmt t/em no-mine do am0r
á â ã à vergont', dig verz, digo em nom do meu amor ah verdadd.
m u t i l a d l a r docê lar @

No final destexplix plllixxgo pois Apens dir g r—mm a vo^c
cau car caro leit0r —a vos^ q tends intacccts os dez deddds d
as m~

aoos mã0S aso relh s e o bel nariz e
caminhh coos properios, digo prósper,

externur exttrnair extternAr votos eeeeeeeeeeee

proporcion— 000%0

mesmom,conforton—

e tamitamanh trop

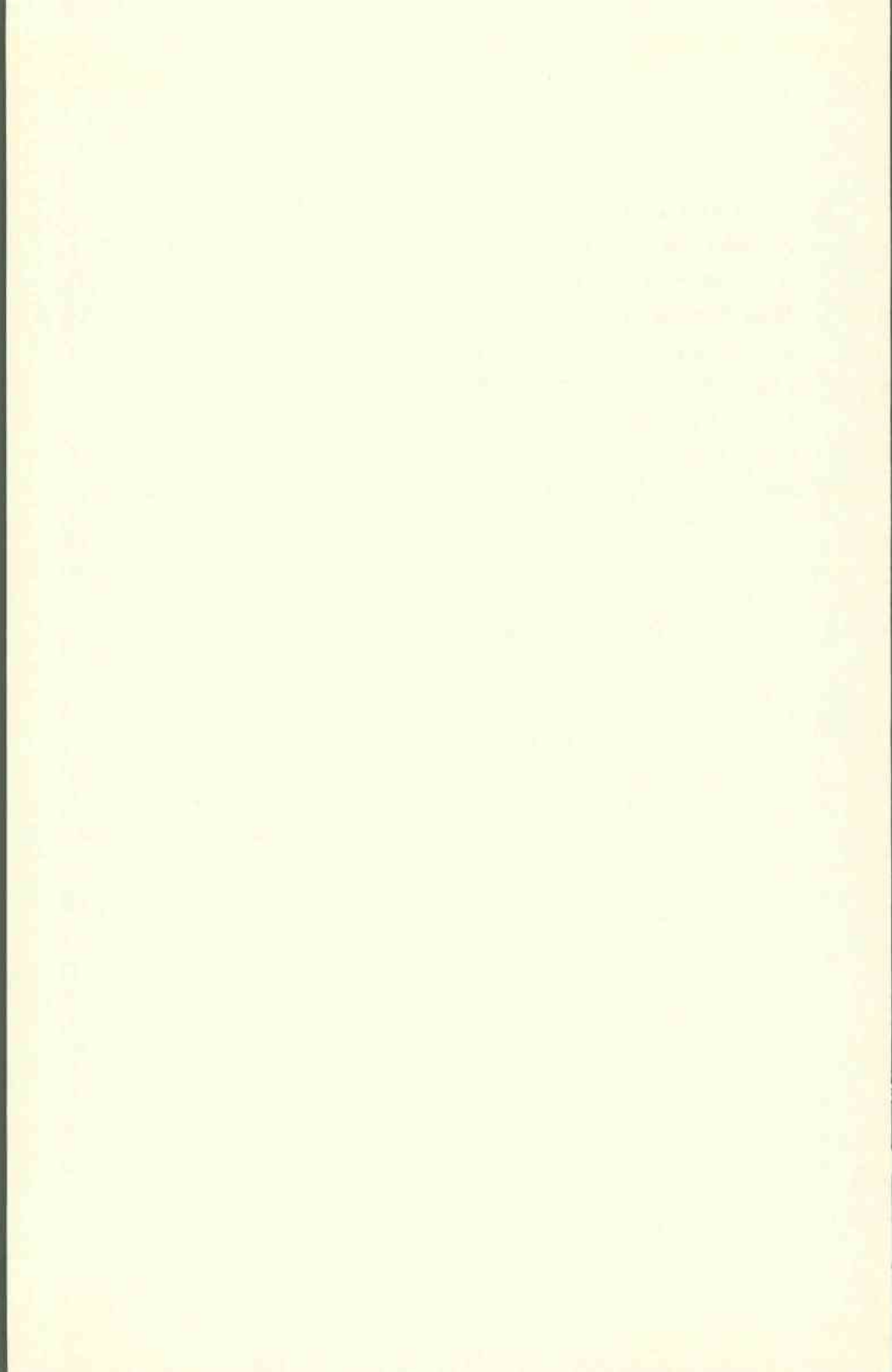
e

eççç

s

pont iaoo .

fin



SOBRE O AUTOR

Nascido em São Paulo, SP, em 1942, Carlos Felipe Moisés estreou como poeta em 1960. Dois anos depois, ao mesmo tempo em que ingressa na Universidade de São Paulo, como aluno de Letras, já é colaborador regular do “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de São Paulo*, e outros órgãos de imprensa, como crítico. Formado em Letras Clássicas e Vernáculas, tornou-se professor universitário, tendo ensinado teoria literária e literaturas de língua portuguesa na Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto (1966-68), na PUC de São Paulo (1967-1970), na Universidade Federal da Paraíba (1977) e na USP (1972-1992). Passou várias temporadas no Exterior, em Portugal e na França, como bolsista da Fundação Gulbenkian, e nos EUA, como poeta residente em Iowa City (1974-75), e

como professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley (1978-1982), e na Universidade do Novo México (1986). Tem proferido conferências e participado de simpósios e congressos, nacionais e internacionais, como poeta e como crítico. Sua obra inclui poesia, ensaio, tradução, literatura infanto-juvenil, edições comentadas de poetas modernos e contemporâneos e, agora, um livro de contos.

OUTROS LIVROS DO AUTOR

POESIA

A poliflauta. São Paulo, Massao Ohno, 1960.

O signo e a aparição. São Paulo, Massao Ohno, 1961.

A tarde e o tempo. Florianópolis, Roteiro, 1964. Prêmio-estímulo Governador do Estado de São Paulo.

Carta de marear. São Paulo, ed. do autor, 1966. Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

Poemas reunidos. São Paulo, Cultrix, 1974. Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, APCA.

Círculo imperfeito. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978. Prêmio Gregório de Mattos e Guerra.

Subsolo. São Paulo, Massao Ohno, 1989. Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte, APCA.

Lição de casa & poemas anteriores. São Paulo, Nankin Editorial, 1998.

Noite nula. São Paulo, Nankin Editorial, 2008.

PROSA DE FICÇÃO

- O livro da fortuna* (novela). São Paulo, FTD, 1992.
A deusa da minha rua (novela). São Paulo, Saraiva, 1996.
Conversa com Fernando Pessoa (antologia e entrevista). São Paulo, Ática, 2007. Prêmio “Henriqueta Lisboa – 2008” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

CRÍTICA

- A multiplicação do real*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1970.
Poesia e realidade. São Paulo, Cultrix, 1977.
O poema e as máscaras. Microestrutura e macroestrutura na poesia de Fernando Pessoa. Coimbra, Almedina, 1981. (2ª ed. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1999.)
Poética da rebeldia. A trajetória militante de José Gomes Ferreira. Lisboa, Moraes, 1983.
Literatura, para quê? Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1996.
Mensagem de Fernando Pessoa. Roteiro de leitura. São Paulo, Ática, 1996.
Poesia não é difícil. Introdução à análise de texto poético. Porto Alegre, Artes & Ofícios, 1996.
Poemas de Álvaro de Campos/Fernando Pessoa. Roteiro de leitura. São Paulo, Ática, 1998.
O desconcerto do mundo: do renascimento ao surrealismo. São Paulo, Escrituras, 2001.
Fernando Pessoa: almoxarifado de mitos. São Paulo, Escrituras, 2005.
Poesia e utopia: sobre a função social da poesia e do poeta. São Paulo, Escrituras, 2007.

TRADUÇÃO

- Retórica geral*, Jacques Dubois e outros. São Paulo, Cultrix, 1974.
Linguística e poética, Daniel Delas e Jacques Filliolet. São Paulo, Cultrix, 1975.
Retórica da poesia, Jacques Dubois e outros. São Paulo, Cultrix, 1980.
Tudo o que é sólido desmancha no ar, Marshall Berman. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

- Que é a literatura?*, Jean-Paul Sartre. São Paulo, Ática, 1989.
- O poder do mito*, Joseph Campbell e Bill Moyers. São Paulo, Palas Athena, 1990.
- Palácio do pavão*, Wilson Harris. São Paulo, Globo, 1990.
- A longa jornada de Oudin*, Wilson Harris. São Paulo, Globo, 1991.
- A última palavra*, Thomas Nagel. São Paulo, Editora da Unesp, 2001.
- Alta traição*, vários autores. São Paulo, Unimarco, 2005.
- O poeta e a cidade*, W.H. Auden. Rio de Janeiro, Espectro Editorial, 2009.

“Restavam umas magras dezenas de páginas, repletas de rasuras, a que a serena fúria mutiladora do cavaleiro reduzira as minhas histórias. Madrugada alta, assaltou-me a dúvida: serão de fato minhas, ainda, essas histórias? Por Deus, sim!

Com raras exceções, as palavras que aí estão são todas de minha lavra.

Meu colaborador não fez senão cortar. Acrescentar não acrescentou praticamente nada. Tudo aí é meu, descarnado, reduzido a ossos nus, mas meu! No entanto, e isto me põe agoniado, se o mutilado é meu, se o que sobrou ileso também o é, a decisão e o ato de mutilar não o foram...”

(Histórias mutiladas)

**Prêmio Governo do Estado de
Minas Gerais de Literatura 2008
Categoria “Ficção”**

ISBN 978-85-7751-053-5

